

Best-seller número 1  
na Inglaterra

# O perfume da folha de chá

DINAH JEFFERIES

Material com direitos autorais

# Prólogo

## CEILÃO, 1913

A mulher levou o envelope branco e estreito aos lábios. Hesitou por um instante, parando para ouvir as notas dolorosamente doces de uma flauta cingalesa à distância. Considerando mais uma vez sua decisão, virou o envelope de um lado para o outro na mão antes de lacrá-lo e apoiá-lo em um vaso de rosas vermelhas que começavam a murchar.

O baú otomano antigo ficava ao pé da cama de quatro colunas. Era feito de madeira escura, com as laterais revestidas de cetim ondulado e uma tampa de couro estofado. Ela ergueu a tampa, pegou o vestido de casamento cor de marfim e pendurou no espaldar de uma cadeira, franzindo o nariz ao sentir o cheiro forte de naftalina.

Escolheu uma rosa, partiu o talo e olhou para o bebê, satisfeita por ele ainda estar dormindo. Diante da penteadeira, levantou a flor e a aproximou dos cabelos claros — finíssimos fios de seda, como *e/* sempre dizia. Ela sacudiu a cabeça e largou a flor. Hoje não.

Na cama, as roupas do bebê estavam arrumadas em pilhas aleatórias. Com a ponta dos dedos, ela tocou um casaquinho recém-lavado, recordando as horas que passara tricotando a peça até seus olhos arderem. Ao lado das roupas havia folhas brancas de papel de embrulho. Sem perder tempo, ela dobrou o casaquinho azul, ajeitou-o entre duas folhas de papel e levou ao baú com revestimento interno de zinco, colocando-o por baixo de tudo.

Todos os itens foram dobrados, acondicionados em papel de embrulho e depois acrescentados às demais camadas de gorros e sapatinhos de lã, pijamas e macacões. Azuis. Brancos. Azuis. Brancos. Por fim, vieram as fraldas de musselina e as toalhinhas de mão. Essas

ela simplesmente dobrou no meio, e então, depois de tudo pronto, observou o que havia feito naquela manhã. Apesar de entender plenamente o que aquilo significava, o que viu não a incomodou.

Uma rápida olhada nas pálpebras agitadas do bebê revelou que ele estava prestes a acordar. Ela precisava se apressar. O vestido que escolhera naquele dia era feito de seda oriental em um tom de verde-água bem vivo, uma peça de cintura alta que chegava até pouco acima dos tornozelos. Era o seu favorito, e fora mandado de Paris. Foi o que usou na noite da festa, quando a criança certamente foi concebida. Ela hesitou mais uma vez. Vesti-lo naquele momento poderia parecer uma tentativa amargurada de provocar mágoa? Era difícil saber. Ela adorava aquela cor. Foi isso que disse a si mesma. Acima de tudo, estava a cor.

O bebê resmungou e começou a se agitar. Ela consultou o relógio, tirou o pequeno do berço e foi se sentar na poltrona de amamentação junto à janela, sentindo uma brisa fresca sobre a pele. Do lado de fora, o sol estava alto, e o calor começava a aumentar. Em algum lugar da casa, um cachorro latia e um cheiro inebriante de comida subia das cozinhas.

Ela abriu a camisola, revelando o seio branco com veias azuladas. O bebê se ajeitou e começou a sugar. Tinha uma boquinha bem forte, tanto que os mamilos dela estavam rachados e sensíveis. Para suportar a dor, era preciso morder o lábio. Tentando se distrair, olhou ao redor do quarto. Em cada um dos quatro cantos havia lembranças materializadas na forma de objetos: o banquinho entalhado vindo do norte; a cúpula do abajur que ela mesma bordou; o tapete da Indochina.

Quando acariciou a bochecha do bebê, ele parou de mamar, ergueu a mãozinha e, em um momento de beleza comovente, roçou os dedinhos no rosto dela. Era a ocasião perfeita para as lágrimas.

Depois de alimentá-lo, ela o deitou na cama enroladinho em um xale e, após se vestir, acomodou-o em um dos braços e deu uma última mirada ao redor. Com a mão livre, fechou a tampa do baú, jogou a rosa abandonada em um cestinho de lixo laqueado e passou a mão nas flores que restavam no vaso, derrubando as pétalas soltas, que flutuaram por cima do envelope até caírem como gotas de sangue no piso de mogno encerado.

Ela abriu as janelas francesas, passou a vista ao redor no jardim e respirou fundo três vezes o ar perfumado pelos jasmims. A brisa cessara, assim como a flauta. Ela pensou que fosse ficar com medo, mas em vez disso se surpreendeu com uma bem-vinda sensação de alívio. Isso era tudo o que sentia, e já bastava. Então, com passos firmes, saiu andando,

um passo inevitável atrás do outro. Quando deixou a casa para trás, deparou com um tom pálido de lilás: a cor da tranquilidade.

## PARTE I — A NOVA VIDA

## CEILÃO, 1925, DOZE ANOS DEPOIS

Com o chapéu de sol em uma das mãos, Gwen se debruçou sobre a amurada coberta de sal e olhou para baixo outra vez. Ela estava observando as mudanças na coloração da água fazia uma hora, acompanhando a trajetória de pedaços de papel, cascas de laranja e folhas que apareciam pelo caminho. Agora que o mar mudara de um tom azul-turquesa para um cinza-escuro, ela sabia que não demoraria muito. Inclinando-se um pouco mais sobre a amurada, viu um pedaço de tecido de cor prateada boiar até sumir de vista.

Quando o apito do navio soou — alto, prolongado e muito próximo —, ela teve um sobressalto, tirando as mãos da amurada em um gesto apressado. A bolsa de mão de cetim, um presente de despedida da mãe, com uma alça delicada e bordada com contas, escorregou de sua mão. Ela soltou um suspiro de susto e estendeu a mão para apanhá-la, mas logo percebeu que era tarde demais. A bolsa caiu no oceano, flutuou um pouco na água suja e afundou, levando junto seu dinheiro e a carta com as instruções de Laurence.

Ela olhou ao redor e sentiu mais uma vez um desconforto do qual não conseguira se livrar desde que saíra da Inglaterra. Não existe lugar mais distante de Gloucestershire que o Ceilão, dissera seu pai. Enquanto a voz dele ecoava em sua mente, ela tomou um susto ao ouvir uma outra voz, claramente masculina, mas com um tom aveludado bastante incomum.

“Nova no Oriente?”

Acostumada com o fato de seus olhos azul-violeta e sua pele clara sempre chamarem a atenção, ela se virou. O sol forte a obrigou a estreitar os olhos.

“Eu... sim. Estou vindo encontrar meu marido. Somos recém-casados.” Ela respirou fundo, interrompendo-se antes que acabasse por contar a história toda.

Um homem de ombros largos e estatura média, com um nariz proeminente, a encarava com reluzentes olhos cor de caramelo. Quando se viu diante das sobrancelhas pretas, dos cabelos crespos e da pele escura e bronzeada, ela não conseguiu continuar falando. Ficou imóvel, um tanto desconcertada, mas ele abriu um sorriso simpático.

“Pois teve sorte. Em maio o mar costuma estar bem mais agitado. Um plantador de chá, creio eu”, ele falou. “Seu marido.”

“Como o senhor sabia?”

Ele abriu as mãos. “Algumas coisas são bem típicas.”

Ela olhou para seu vestido bege: a cintura era baixa, mas o decote era alto e as mangas, longas. Não queria parecer “típica” de nada, mas se deu conta de que devia parecer deslocada ali, com sua echarpe de chiffon enrolada no pescoço.

“Eu vi o que aconteceu. Lamento muito pela bolsa.”

“Foi uma estupidez da minha parte”, ela falou, torcendo para não estar toda corada.

Caso fosse um pouco mais parecida com Fran, sua prima, poderia continuar puxando conversa, mas, em vez disso, imaginando que o assunto estivesse encerrado, virou-se para observar a aproximação do navio do porto de Colombo.

Acima do burburinho da cidade, um céu azul-cobalto se estendia até a extensão das montanhas arroxeadas, as árvores produziam sombras espessas e o ar era preenchido pelos gritos das gaivotas que rodeavam as pequenas embarcações que se acumulavam na superfície da água. A emoção de fazer algo tão diferente tomou conta dela. Estava com saudade de Laurence e, por um momento, chegou a sonhar com ele. Nos sonhos, tudo saía às mil maravilhas, mas a realidade era repleta de sensações que lhe provocavam um frio na barriga. Ela respirou fundo para inalar o que esperava ser um ar impregnado de sal, e se surpreendeu com um aroma muito mais forte e marcante.

“O que é isso?”, ela perguntou ao se virar de novo para o homem, que, conforme imaginava, mantinha-se imóvel no mesmo lugar.

Ele inspirou profundamente. “Canela, e talvez sândalo.”

“Tem alguma coisa doce também.”

“Jasmins. Existem muitas flores no Ceilão.”

“Que ótimo”, ela comentou. Mas sabia que não era só isso. Por trás

dos aromas sedutores, havia um odor azedo e desagradável.

“É um sistema de drenagem insatisfatório, infelizmente”, o homem completou.

Ela balançou a cabeça. Talvez fosse isso.

“Eu ainda não me apresentei. Meu nome é Savi Ravasinghe.”

“Oh.” Ela se interrompeu. “O senhor não... Quer dizer, eu não vi o senhor à mesa do jantar.”

Ele fez uma careta. “Não sou um passageiro da primeira classe, foi o que a senhora quis dizer, creio. Sou cingalês.”

Só então ela notou que o homem estava do outro lado da corda que separava as diferentes classes de viajantes. “Ora, é um prazer conhecê-lo”, ela falou, tirando uma das luvas brancas. “Sou Gwendolyn Hooper.”

“Então deve ser a nova esposa de Laurence Hooper.”

Ela acariciou a enorme safira do Ceilão encravada na aliança e confirmou com um aceno surpreso de cabeça. “O senhor conhece meu marido?”

Ele inclinou a cabeça. “Já conheci seu marido, sim, mas creio que infelizmente preciso ir.”

Ela estendeu a mão para cumprimentá-lo.

“Espero que seja muito feliz no Ceilão, sra. Hooper.”

Ele ignorou o cumprimento, e ela deixou a mão cair para junto do corpo. O homem pressionou as mãos uma contra a outra junto ao peito, com os dedos para cima, e fez uma leve mesura.

“Que seus sonhos se realizem...” Com os olhos fechados, ele ficou imóvel por um momento, e então se afastou.

Gwen ficou um tanto desconcertada com aquelas palavras e com o estranho gesto de despedida, porém, como havia coisas mais urgentes com que se preocupar, deu de ombros. Ela precisava muito se lembrar das instruções enviadas por Laurence.

Felizmente, os passageiros da primeira classe desembarcavam antes dos demais. Ela pensou outra vez naquele homem, incapaz de conter seu fascínio. Jamais conhecera alguém tão exótico, e teria sido divertido se ele ficasse por perto para lhe fazer companhia, o que obviamente não seria possível.

Nada teria sido capaz de prepará-la para o choque do calor do Ceilão, nem para as cores marcantes, nem para o contraste entre a fortíssima luz do sol e a escuridão profunda das sombras. Os ruídos a bombardeavam

de todos os lados: sinos, buzinas, pessoas e insetos barulhentos que a cercavam e a faziam se sentir engolida como os detritos que vira no mar ao se aproximar do porto. Quando o barulho de fundo foi encoberto por um trombetear altíssimo, ela se virou sobre o atracadouro de madeira e deparou com a visão atordoante de um elefante erguendo a tromba e bramindo.

Quando a presença de um elefante na paisagem deixou de ser uma visão paralisante, ela abriu caminho até o prédio da alfândega, providenciou o despacho de seu baú e se sentou em um banco de madeira sob o calor carregado de umidade sem nada para protegê-la além de seu chapéu. De tempos em tempos, era preciso espantar as nuvens de mosquitos que se acumulavam em sua testa. Laurence prometeu que estaria no porto, mas, por ora, nem sinal dele. Gwen tentou lembrar o que havia sido instruída a fazer em caso de emergência, e nesse momento viu mais uma vez o sr. Ravasinghe, descendo pela rampa lateral do navio em meio aos passageiros da segunda classe. Evitando o olhar do homem, ela tentou esconder a vergonha da situação em que se encontrava e se voltou para o outro lado a fim de observar o carregamento de caixas de folhas de chá em uma barcaça do outro lado do atracadouro.

O cheiro de esgoto superava e muito as fragrâncias de especiarias, e agora se misturava a outros odores desagradáveis: de gordura, de esterco, de peixe podre. E, quando o atracadouro se encheu de passageiros acossados por comerciantes e ambulantes oferecendo pedras preciosas e seda, ela começou a ficar nervosa. E se Laurence não viesse? Ele prometera. Gwen tinha apenas dezenove anos, e o máximo que se afastara da propriedade de Owl Tree fora em uma ou outra viagem a Londres com Fran. Sentindo-se totalmente sozinha, seu ânimo se abateu. Era uma pena que a prima não tivesse podido acompanhá-la na viagem, mas logo após o casamento Fran precisara se ausentar para tratar de negócios. Embora Gwen confiasse em Laurence a ponto de colocar sua vida nas mãos dele, era impossível não se sentir um pouco chateada com a situação.

Um bando de crianças morenas seminuas se infiltrou na multidão, oferecendo maços de canela em pau e implorando por algumas rupias com seus olhos enormes. Uma criança que não deveria ter mais de cinco anos ofereceu um maço para Gwen. Ela o segurou, levou ao nariz e cheirou. A criança começou a falar, mas suas palavras eram incompreensíveis para Gwen, e infelizmente ela estava sem uma rupia

para dar, e, no momento, sem uma moeda inglesa que fosse.

Ela ficou de pé e saiu andando. Uma lufada de vento soprou e, de algum lugar distante, veio um som perturbador: *bum, bum, bum*. Tambores, ela pensou. Era um ruído alto, mas não o suficiente para que fosse possível identificar um padrão regular de batida. Ela não estava muito distante da mala que deixara sobre o banco, e, quando ouviu o grito do sr. Ravasinghe, sentiu o suor brotar nas têmporas.

“Sra. Hooper, não deixe sua mala assim, desprotegida.”

Ela limpou a testa com o dorso da mão. “Eu estava de olho.”

“As pessoas aqui são pobres, e a ocasião faz o ladrão. Venha, vou levar a senhora e sua mala até um lugar mais fresco para esperar.”

“É muita gentileza sua.”

“Faço questão.” Ele a segurou pelo cotovelo com a ponta dos dedos, abrindo caminho pelas instalações da alfândega. “Esta é a rua Church. Agora dê uma olhada ali: bem na extremidade dos Gordon Gardens fica a Suriya, ou tulipeiro, como é conhecida.”

Ela olhou para a árvore. Seu tronco grosso era drapeado como uma saia de mulher, e sua copa era coberta de flores de um tom forte de laranja, proporcionando uma sombra estranhamente vibrante.

“Ela vai oferecer um abrigo do sol. O calor da tarde está forte demais, e as chuvas das monções ainda não chegaram, mas já é um alívio.”

“De fato”, ela concordou. “Mas o senhor não precisa ficar comigo.”

Ele sorriu, e seus olhos se estreitaram. “Não posso deixar a senhora sozinha, sem um tostão e sem conhecer ninguém na cidade.”

Grata pela companhia, ela retribuiu o sorriso.

Eles caminharam até o ponto indicado, e ela passou mais uma hora encostada contra a árvore, transpirando e escorrendo sob as roupas, perguntando-se no que se metera ao concordar em viver no Ceilão. O barulho parecia amplificado, e, apesar de se manter por perto, protegendo-a da multidão, ele precisava gritar para ser ouvido.

“Caso seu marido não chegue até as três, sugiro com todo o respeito que a senhora vá esperá-lo no Hotel Galle Face. É um lugar arejado, com ventiladores e refrescos, muito mais confortável.”

Ela hesitou, relutante em deixar o lugar onde estava. “Mas como Laurence vai saber que estou lá?”

“Ele vai saber. Todos os britânicos, qualquer que seja sua classe, hospedam-se no Galle Face.”

Ela voltou o olhar para a fachada imponente do Grand Oriental. “Lá não?”

“Definitivamente não. Confie em mim.”

Em meio ao calor feroz da tarde, uma lufada de vento jogou areia em seus olhos, fazendo as lágrimas escorrerem por suas faces. Ela piscou várias vezes antes de esfregá-los, torcendo para que o homem de fato merecesse confiança. Talvez ele estivesse certo. Aquele calor era um risco de vida.

Bem perto de onde ela estava, uma pequena aglomeração se formou sob uma infinidade de fitas brancas penduradas sobre a rua, e um homem de túnica marrom, emitindo um som repetitivo e agudo, posicionou-se no centro de um grupo de mulheres com roupas coloridas. O sr. Ravasinghe notou que Gwen estava observando.

“O monge está entoando o *pirith*”, ele explicou. “Isso costuma ser requisitado no leito de morte dos moribundos, para garantir uma boa passagem. Aqui, acredito que seja porque um grande mal aconteceu naquele lugar, ou no mínimo uma morte. O monge está tentando purificar o local de qualquer resquício de interferência maligna, com a bênção dos deuses. Nós acreditamos em fantasmas aqui no Ceilão.”

“Todos aqui são budistas?”

“Eu sou, mas existem também hindus e muçulmanos.”

“E cristãos?”

Ele inclinou a cabeça.

Quando bateram as três horas sem nenhum sinal de Laurence, o homem estendeu o braço e deu um passo atrás. “Podemos?”

Gwen assentiu, e ele chamou um dos puxadores de riquixá, que vestia apenas um turbante e uma tanga ensebada.

Ela estremeceu ao notar a magreza do dorso nu do homem. “O senhor não vai querer que eu entre nisso, não é?”

“Prefere um carro de boi?”

Ela sentiu o rosto ficar vermelho ao observar as frutas ovaladas e alaranjadas empilhadas na carroça com rodas enormes de madeira e cobertura de palha.

“Perdão, sra. Hooper. Foi uma brincadeira. Seu marido usa carroças para transportar as caixas de folhas de chá. Nós na verdade andamos de charrete. São puxadas por apenas um boi, e têm cobertura de folha de palmeira.”

Ela apontou para as frutas alaranjadas. “E isso, o que é?”

“Coco rei. Só tem serventia por causa da água. Está com sede?”

Apesar de estar sedenta, ela fez que não com a cabeça. Na parede atrás do sr. Ravasinghe, um cartaz mostrava uma mulher de pele escura

equilibrando um cesto de vime na cabeça, vestida com um sári amarelo e vermelho. Seus pés estavam descalços, e ela usava enfeites dourados no tornozelo e um lenço amarelo na cabeça. MAZZAWATTEE TEA, era o que dizia o cartaz. As palmas das mãos de Gwen ficaram suadas, e uma onda de pânico tomou conta de seu corpo. Ela estava muito longe de casa.

“Como a senhora pode ver”, continuou o sr. Ravasinghe, “os automóveis são escassos e pouco frequentes, de modo que o riquixá é certamente uma opção mais rápida. Caso não a agrade, podemos esperar, e tentarei providenciar uma carruagem com cavalo. Ou, se preferir, posso acompanhá-la no riquixá.”

Nesse momento, um carro preto e imponente foi abrindo caminho em meio à aglomeração de pedestres, ciclistas, carroças e charretes, por pouco não atropelando um grande número de cachorros sonolentos. Laurence, ela pensou, aliviada, mas, quando olhou pela janela do veículo, viu apenas duas europeias gordas de meia-idade. Uma delas se virou para Gwen, fazendo uma careta de reprovação.

Muito bem, pensou Gwen, sentindo que era preciso entrar em ação. Então um riquixá é o que vai ser.

Havia uma fileira de palmeiras estreitas oscilando sob a brisa do lado de fora do Hotel Galle Face, uma construção à beira-mar de estilo distintamente britânico. Quando o sr. Ravasinghe se despediu com sua saudação em estilo oriental e um sorriso caloroso, ela lamentou sua partida, mas subiu as escadarias curvadas e se acomodou para esperar na sombra relativamente fresca do Palm Lounge. Imediatamente se sentindo em casa, ela fechou os olhos, aliviada por ter um breve respiro em meio a um ataque generalizado a seus sentidos. Mas o descanso não podia durar muito. Caso Laurence chegasse naquele momento, no estado lamentável em que se encontrava, ela não criaria a impressão que gostaria. Dando um gole em sua xícara de chá do Ceilão, Gwen olhou por cima das mesas e cadeiras espalhadas pelo piso de teca. Em um cantinho discreto, havia uma plaqueta sinalizando o toalete feminino.

Dentro do recinto de aroma adocicado e revestido de espelhos, ela lavou o rosto e aplicou na pele uma borrifada de *Après L’Ondée*, que por sorte estava guardado em sua mala, e não na bolsa que caíra no mar. Estava se sentindo grudenta, com o suor escorrendo sob os braços, mas prendeu os cabelos mesmo assim, para refrescar a nuca. Seus cabelos eram a coroação de sua glória, Laurence havia dito. Eram escuros,

compridos e ondulados quando soltos. Quando ela mencionou que gostaria de cortá-los mais curtos, como Fran, ele ficou horrorizado, puxou uma mecha de trás de sua nuca e apoiou o queixo no alto de sua cabeça. Depois disso, segurando seu queixo com ambas as mãos e prendendo seus cabelos na ponta dos dedos, ficou olhando para ela.

“Nunca corte os cabelos. Prometa.”

Ela concordou com um aceno, sentindo-se incapaz de falar, com o toque das mãos dele despertando em seu corpo sensações até então inauditas.

O dia do casamento fora perfeito, assim como a semana seguinte. Na noite da despedida, nenhum dos dois dormiu, e ele precisava se levantar antes de amanhecer para chegar a Southampton a tempo de embarcar no navio para o Ceilão. Apesar de ficar desapontado por não poder levá-la, ele tinha negócios a resolver, e ambos sabiam que o tempo não demoraria a passar. Laurence não fez objeções à sua decisão de ficar para esperar por Fran, mas ela se arrependeu assim que ele partiu, sem saber como aguentaria passar tanto tempo sem ele. Quando Fran anunciou que precisaria passar ainda mais tempo em Londres por causa de uma propriedade da qual estava se desfazendo, Gwen decidiu fazer a viagem sozinha.

Com sua beleza cativante, belos pretendentes nunca faltaram para Gwen, mas ela se apaixonou por Laurence assim que o viu em um jantar dançante ao qual comparecera com Fran em Londres. Quando ele sorriu e se aproximou com passos determinados para conhecê-la, ela foi conquistada de vez. Eles se encontraram todos os dias depois disso, e, ao ser pedida em casamento, ela ergueu o rosto corado e aceitou, sem hesitação. Seus pais não ficaram muito contentes com o fato de um viúvo de trinta e sete anos querer se casar com a filha, e seu pai foi um pouco mais difícil de convencer, porém ficou positivamente impressionado quando Laurence propôs deixar um administrador encarregado da fazenda e voltar a viver na Inglaterra. Gwen não quis nem ouvir falar na ideia. Se era no Ceilão que estava a vida dele, era onde estaria a sua também.

Quando fechou a porta do toalete atrás de si, ela o viu parado de costas no amplo hall de entrada, e até perdeu o fôlego. Levou a mão ao colar no pescoço, ajustando o pingente azul para que ficasse centralizado, e, impressionada com a intensidade dos próprios sentimentos, permaneceu imóvel enquanto o admirava. Ele era alto, com costas largas e cabelos castanhos bem cortados com manchas grisalhas

nas têmporas. Formado em Winchester, parecia exalar confiança por todos os poros: um homem que as mulheres adoravam e os outros homens respeitavam. Mesmo assim, era um leitor de Robert Frost e William Butler Yeats. Ela o amava por isso, e pelo fato de ele já saber que Gwen não era a menina recatada que a maioria das pessoas esperava que fosse.

Como se tivesse sentido o olhar dela atrás de si, ele se virou. O peito de Gwen se aliviou ao entrar em contato com os olhos castanhos determinados de Laurence e o sorriso que se abriu em seu rosto quando começou a caminhar em passadas largas na direço da esposa. Ele tinha o maxilar quadrado e uma covinha no queixo que, junto com os cabelos ondulados na frente e rebeldes no topo da cabeça em virtude de um par de redemoinhos, ela considerava irresistíveis. Como estava usando bermudas, ela pôde ver que suas pernas estavam bronzeadas, e ele parecia muito mais rústico ali do que no frio interior da Inglaterra.

Energizada, ela saiu correndo na direço do marido. Ele a segurou à distância de um braço por um instante, e em seguida a envolveu em um abraço tão apertado que ela mal conseguia respirar. O coraço de Gwen estava disparado quando ele parou de girá-la e enfim a colocou no chão.

“Você não faz ideia do quanto senti sua falta”, ele disse com a voz grave e um pouco embargada.

“Como você sabia que eu estava aqui?”

“Perguntei ao capitão do porto para onde tinha ido a mulher mais linda do Ceilão.”

Ela sorriu. “É muita gentileza sua, mas é claro que eu não sou nada disso.”

“Um dos seus maiores charmes é não fazer a menor ideia do quanto é bonita.” Ele segurou suas duas mãos. “Me desculpe pelo atraso.”

“Não tem problema. Fui bem cuidada. Ele disse que o conhece. O sr. Ravasinghe, acho que era esse o nome dele.”

“Savi Ravasinghe?”

“Sim.” Ela sentiu os cabelos de sua nuca se arrepiarem. Ele franziu a testa e estreitou os olhos, reforçando as linhas de expressão que marcavam prematuramente sua pele. Ela conteve a vontade de tocá-las. Ele era um homem vivido, e isso o tornava ainda mais atraente.

“Muito bem”, ele falou, logo recuperando o bom humor. “Agora eu já estou aqui. O maldito carro quebrou. Por sorte, Nick McGregor conseguiu dar um jeito. Está muito tarde para pegar a estrada, então vou reservar um quarto para nós.”

Eles foram até o balcão e, depois de terminar de tratar com o atendente, Laurence a abraçou. Quando tocou o rosto dela com os lábios, ela soltou um breve suspiro.

“Seu baú vai ser despachado de trem”, ele contou. “Pelo menos até Hatton.”

“Eu sei, já conversei com o homem da alfândega.”

“Certo. McGregor vai mandar um cule ir buscar o baú na estação em um carro de boi. Você tem tudo de que precisa até amanhã na mala?”

“Praticamente.”

“Quer um chá?”, ele perguntou.

“Você quer?”

“O que você acha?”

Ela sorriu e teve que se segurar para não soltar uma risada em alto e bom som quando ele pediu para o atendente subir a bagagem o quanto antes.

Eles subiram de braços dados, mas, quando ultrapassaram o último degrau da escadaria curvada, ela se sentiu inesperadamente tímida. Ele a soltou e foi na frente para destrancar e abrir a porta.

Ela deu os últimos passos pelo corredor e olhou para dentro do quarto.

O sol do fim de tarde entrava pelas janelas altas, conferindo às paredes um tom rosado e delicado; os abajures coloridos dos dois lados da cama estavam acesos, e o quarto cheirava a laranja. Ao contemplar aquele cenário claramente projetado para a intimidade, ela sentiu um calor subir pela nuca e esfregou a pele da parte posterior do pescoço. O momento que imaginara tantas vezes havia chegado, mas ela se viu hesitante, parada na porta.

“Não gostou?”, ele perguntou, com os olhos reluzentes.

Ela sentiu sua pulsação disparar no pescoço.

“Querida?”

“Adorei”, ela conseguiu dizer.

Ele foi até ela e soltou o grampo de seus cabelos. “Pronto. Assim fica melhor.”

Ela assentiu com a cabeça. “Daqui a pouco vão trazer a bagagem.”

“Acho que ainda temos um tempinho”, disse ele, tocando o lábio inferior com o dedo. Bem nesse momento, porém, houve uma batida na porta.

“Vou abrir a janela”, anunciou ela, dando um passo para trás, contente por ter uma desculpa para não permitir que o carregador notasse seu

nervosismo idiota.

O quarto tinha vista para o mar, e, quando abriu a janela, Gwen observou os raios dourados do sol se refletindo sobre as ondas. Isso era o que ela queria, e os dois já tinham passado uma semana juntos depois de casados na Inglaterra, mas sua casa parecia muito distante naquele momento, e pensar nisso fez com que seus olhos se enchessem de lágrimas. Ela cerrou as pálpebras e ficou apenas escutando enquanto o carregador guardava a bagagem. Quando o homem saiu, ela se virou para Laurence.

Ele abriu um sorriso torto. “Algum problema?”

Ela baixou a cabeça e ficou olhando para o chão.

“Gwen, olhe para mim.”

Ela piscou algumas vezes, e o quarto mergulhou no silêncio. Sua mente foi inundada por um turbilhão de pensamentos enquanto ela se perguntava como explicar a sensação de ser catapultada para um mundo que não entendia. E não era só isso — havia também a sensação de se sentir desnudada pelo olhar do marido. Sem querer deixar que a vergonha a dominasse, ela ergueu a cabeça e, com movimentos bem lentos, deu alguns passos na direção dele.

Ele pareceu aliviado. “Fiquei preocupado por um instante.”

As pernas dela começaram a tremer. “É bobeira minha. É tudo tão novo para mim... Você também é uma novidade.”

Ele sorriu e chegou mais perto. “Bom, se for só isso, é bem fácil de resolver.”

Ela se inclinou na direção dele, sentindo o chão oscilar sob seus pés quando ele começou a mexer no botão na parte de trás de seu vestido.

“Deixe que eu faço isso”, ela falou, levando as mãos às costas e deslizando o botão para fora. “Tem um jeitinho.”

Ele riu. “Está aí uma coisa que eu preciso aprender.”

Uma hora mais tarde, Laurence estava dormindo. Com a motivação da longa espera, o amor que fizeram foi intenso, ainda mais que na noite de núpcias. Ela se lembrou do que havia passado logo depois de desembarcar no país; era como se o sol implacável de Colombo tivesse sugado as energias de seu corpo. Mas ela estava errada. Ainda havia energia de sobra, embora naquele momento, no embalo dos sons que vinham do mundo exterior, seus braços e pernas estivessem pesados e o sono parecesse próximo. Ela se deu conta do quanto estava se tornando

natural ter Laurence deitado ao seu lado e, sorrindo de seu nervosismo inicial, remexeu-se um pouco para poder contemplar e sentir a força do corpo dele nos locais onde parecia estar colado ao dela. Um único sentimento a dominava, o amor, que parecia de alguma forma ter se condensado naquele instante perfeito. Tudo ficaria bem. Durante mais um minuto ou dois, ela respirou o cheiro dele enquanto as sombras no quarto se alongavam e então rapidamente escureciam. Ela respirou fundo e fechou os olhos.

Dois dias depois, Gwen acordou de manhã com a luz do sol entrando pelas cortinas de musselina de seu quarto. Estava ansiosa para tomar o café da manhã com Laurence e conhecer a propriedade. Acomodando-se na beirada da cama e soltando as tranças dos cabelos, virou-se para apoiar os pés no tapete macio de pele, mexendo os dedos dos pés em sua superfície branca e tentando adivinhar a qual animal aquela pelagem pertencera. Ao descer da cama, vestiu um penhoar claro de seda que alguém tinha deixado sobre o encosto de uma cadeira.

Eles haviam chegado à fazenda em meio aos morros da zona rural na noite anterior, pouco depois do pôr do sol. Com a cabeça doendo de exaustão, e atordoada pelos tons violentos de vermelho e roxo do céu no início da noite, Gwen fora direto para a cama.

Caminhando pelo piso de tábuas corridas, ela foi até a janela para abrir as cortinas. Quando olhou para fora na primeira manhã em seu novo mundo, respirou fundo e, piscando os olhos por causa da claridade, sentiu-se bombardeada pela saraivada de zumbidos, assobios e pios que preenchiam o ar.

Mais abaixo, um jardim de flores delicadas descia até o lago em três patamares, com caminhos, degraus e bancos estrategicamente posicionados entre eles. O lago refletia o brilho prateado mais impressionante que ela já vira. Todas as lembranças da viagem de carro no dia anterior, com suas curvas fechadas aterrorizantes, suas ribanceiras profundas e seu sacolejar de embrulhar o estômago, foram imediatamente esquecidas. Erguendo-se acima do lago e em todo o terreno ao redor, havia o tapete verde dos arbustos de chá em fileiras simétricas por entre as quais as catadoras de folhas trabalhavam, usando sáris coloridos, que lhes davam o aspecto de passarinhos que

houvessem pousado para comer.

Bem diante da janela de seu quarto havia um pé de toranja, ao lado de outra árvore que ela não conhecia, mas que parecia estar carregada de cerejas. Seria bom pegar algumas para o café da manhã, ela decidiu. Na mesa montada ali, uma pequena criatura a encarava com olhos redondos e arregalados, parecendo uma mistura de macaco com coruja. Ela olhou para trás, para a enorme cama de quatro colunas, cercada por um mosquiteiro. O lençol de cetim estava quase intocado, e Gwen estranhou que Laurence não tivesse ido dormir com ela. Talvez quisesse que ela tivesse uma noite de sono ininterrupto, e por isso fora se deitar sozinho em seu quarto. Ela olhou ao redor, e ouviu o rangido da porta se abrindo. “Oh, Laurence, eu...”

“Senhora. Eu Naveena, como senhora dever saber. Eu está aqui para servir.”

Gwen olhou para a mulher miúda, de silhueta quadrada. Ela usava uma saia comprida azul e amarela enrolada nas pernas e uma camisa branca, e tinha uma trança comprida e grisalha descendo até a base das costas. Seu rosto redondo era uma profusão de rugas, e seus olhos escuros não revelavam absolutamente nada.

“Onde está Laurence?”

“Patrão no trabalho. Desde duas horas atrás.”

Desolada, Gwen deu um passo atrás e se sentou na cama.

“A senhora querer café da manhã aqui?” A mulher apontou para uma pequena mesa junto à janela. Houve uma pausa enquanto as duas se encaravam. “Ou varanda?”

“Eu queria me lavar primeiro. Onde é o banheiro?”

A mulher caminhou até o outro lado do quarto e, conforme se movimentava, Gwen notou que seus cabelos e roupas exalavam uma fragrância incomum de especiarias.

“Aqui, senhora”, disse a mulher. “Atrás de biombo é seu banheiro, mas cule da latrina ainda não vir.”

“Cule da latrina?”

“Sim, senhora. Já vir.”

“Tem água quente?”

A mulher balançou a cabeça. Gwen ficou sem saber se ela estava dizendo que sim ou que não, e sua incerteza deve ter transparecido.

“Tem caldeira a lenha, senhora. Madeira albizia. Água quente vir de manhã e de noite, uma hora.”

Gwen ergueu a cabeça e tentou parecer mais segura do que se

sentia. “Muito bem. Vou me lavar primeiro e tomar o café da manhã lá fora.”

“Muito bom, senhora.”

A mulher apontou para as janelas francesas. “Abrir para varanda. Eu vai e volta. Trazer chá para cá.”

“O que é aquela criatura lá fora?”

A mulher se virou para olhar, mas a criatura não estava mais lá.

Em um contraste absoluto com o calor úmido e sufocante de Colombo, o tempo estava aberto, mas era uma manhã fria. Enquanto tomava o café da manhã, ela colheu uma cereja; a fruta tinha uma bela coloração vermelha intensa, mas, quando a mordeu, percebeu que o gosto era azedo e acabou cuspidando fora. Enrolou o xale em torno do ombro e saiu para explorar a casa.

O primeiro lugar a que se dirigiu foi um corredor largo e de teto alto que atravessava a casa inteira. O piso de madeira escura brilhava, e as paredes eram pontuadas por lamparinas a óleo por toda sua extensão. Ela farejou o ar. Esperava que o lugar tivesse cheiro de fumaça de charuto, e de fato tinha, mas misturado com um aroma forte de óleo de coco e cera perfumada. Laurence a descrevera como um bangalô, mas Gwen notou a presença de uma escadaria larga de teca que levava a um corredor arejado no andar superior. Do lado oposto ao da escada, havia um belíssimo aparador com acabamento de madrepérola encostado a uma parede, ao lado de uma porta. Ela a abriu e entrou em uma sala de estar espaçosa.

Surpresa com o tamanho do cômodo, Gwen respirou fundo, abriu uma das persianas marrons na fileira de janelas que cobriam toda uma parede e viu que aquela sala também ficava de frente para o lago. Deixando a luz entrar, olhou ao redor. As paredes eram pintadas com um tom de azul esverdeado bem suave, e a atmosfera no geral era de frescor, com poltronas de aspecto confortável e dois sofás claros com almofadas bordadas retratando pássaros, elefantes e flores exóticas. Uma pele de leopardo cobria o encosto de um dos sofás.

Gwen estava de pé sobre um dos tapetes persas azul-marinho e bebeu, e se virou com os braços abertos. Era um ambiente agradável. Muito agradável.

Um rosnado grosso a assustou. Quando olhou para baixo, viu que tinha pisado na pata de um cachorro adormecido de pelo curto. Um

labrador preto, ela imaginou, mas não do tipo mais comum. Deu um passo atrás, com medo de levar uma mordida. Nesse momento, um homem de meia-idade entrou na sala quase sem fazer barulho, um sujeito de ombros estreitos e feições miúdas em seu rosto cor de açafrão, usando um sarongue, um paletó e um turbante, todos brancos.

“O velho cão se chama Tapper, senhora. É favorito do patrão. Eu sou mordomo, e trouxe lanche.” Ele estendeu a bandeja que carregava e pôs sobre uma mesinha. “Com nosso chá preto do Ceilão.”

“É mesmo? Mas eu acabei de tomar o café da manhã.”

“Patrão volta meio-dia. Quando sirene dos trabalhadores toca, senhora, ele vem logo em seguida.” Ele apontou para uma prateleira de madeira ao lado da lareira. “Tem revistas para a senhora ler.”

“Obrigada.”

Era uma lareira grande revestida com pedra, com pinças, atiçadores e pá de metal, os apetrechos tradicionais, e uma cesta cheia de lenha ao lado. Ela sorriu. Uma noite aconchegante estaria à sua espera, com apenas os dois abraçados junto ao fogo.

Só faltava uma hora para Laurence voltar, então, ignorando o chá, ela resolveu explorar os arredores. Estava escuro quando eles chegaram no dia anterior com o Daimler novo em folha de Laurence, e ela não conseguira ver direito a fachada da casa. Gwen atravessou o corredor até o hall de entrada e abriu uma das portas duplas escuras adornadas com janelinhas arredondadas logo acima, e então se viu na sombra de uma varanda. Um caminho de cascalho, ladeado por tulipeiros intercalados com palmeiras, enveredava-se para longe da casa na direção dos morros. Havia flores alaranjadas espalhadas pelo chão, produzindo um contraste vívido com os arredores verdejantes.

Ela estava ansiosa para passear pelos morros, mas, antes, contornou a lateral da casa, onde encontrou um recinto coberto, mas sem paredes, diante do lago. A área externa tinha oito pilares de madeira escura, piso de mármore e móveis de vime, e a mesa já estava posta para o almoço. Quando um pequeno esquilo listrado subiu correndo um dos pilares e desapareceu atrás de uma das vigas, ela sorriu.

Voltando para a frente da casa, começou a subir o caminho de cascalho, contando as árvores. Quanto mais subia, mais ela transpirava, mas não queria olhar para trás enquanto não passasse por vinte árvores. Enquanto contava, em meio ao aroma das rosas persas, o calor foi ficando mais forte, mas felizmente nada parecido com a atmosfera escaldante de Colombo. Dos dois lados do caminho, a paisagem

verdejante era coberta de arbustos com folhas grandes em formato de coração e flores brancas e delicadas.

Ao chegar à vigésima árvore, ela se livrou do xale, fechou os olhos e se virou. Tudo ali brilhava. O lago, o telhado vermelho da casa, até o ar. Ela respirou fundo, como se assim fosse capaz de absorver cada partícula da beleza que tinha diante de si: as flores perfumadas, o deslumbramento da vista, o verde luminoso dos morros com a plantação, o som dos pássaros. Era de deixar o queixo caído. Nada parecia imóvel, e o ar cheio de vida vibrava com a movimentação contínua.

Do ponto mais alto — onde se encontrava —, o formato da casa ficava mais claro. A parte dos fundos era paralela ao lago, com o ambiente externo coberto à direita, e na outra lateral uma extensão parecia ter sido acrescentada, formando um L. Mais adiante havia um pátio e um caminho que desaparecia atrás de um paredão de árvores. Ela respirou fundo mais algumas vezes, inalando o ar puro.

O trombetear alto e incômodo da sirene do meio-dia rompeu a tranquilidade do local. Ela havia perdido a noção do tempo, e seu coração disparou quando viu Laurence caminhando em meio às árvores altas ao lado de outro homem na direção da casa. Ele parecia à vontade em seus domínios, uma presença forte que emanava autoridade. Ela jogou o xale sobre os ombros e correu. Porém, correr na descida era mais difícil que na subida, e alguns minutos depois ela escorregou no cascalho, tropeçou em uma raiz presa ao chão, perdeu o equilíbrio e caiu para a frente com tanta força que sentiu o ar ser expulso dos pulmões.

Quando recuperou o fôlego e tentou se levantar, seu tornozelo esquerdo cedeu sob o peso do corpo. Ela esfregou a testa suada e se sentiu tão zozna que caiu de traseiro no chão, sentindo o início de uma nova dor de cabeça provocada pelo sol. Do outro lado das árvores altas, ouviu um grito de susto, como o de um gato ou uma criança com dor, ou talvez um chacal. Gwen não queria esperar para descobrir, então se esforçou para ficar de pé outra vez, dessa vez conseguindo suportar a dor, e continuou descendo de volta aos pulinhos.

Quando sua silhueta se tornou visível a partir da casa, Laurence saiu e veio correndo até ela.

“Que bom ver você”, disse Gwen, com a respiração acelerada. “Subi para ver a vista, mas acabei caindo.”

“Querida, isso não é seguro. Tem cobras por aí. No mato, nas árvores. Servem para controlar roedores de jardim. E tem também formigas e besouros que picam. É melhor não sair sozinha. Pelo menos

por enquanto.”

Ela apontou para onde as mulheres estavam colhendo folhas de chá. “Eu não sou tão delicada quanto pareço, e aquelas mulheres estavam lá em cima.”

“Os tâmeis conhecem bem o terreno”, ele falou ao se colocar ao seu lado. “Muito bem, se segure no meu braço e vamos lá para dentro. Vou pedir para Naveena enfaixar esse tomozelo. Posso mandar trazer o médico de Hatton, se você quiser.”

“Naveena?”

“A aia.”

“Ah, sim.”

“Ela cuidou de mim quando eu era criança, e gosto muito dela. Quando tivermos filhos...”

Gwen ergueu as sobrancelhas e abriu um sorriso. Ele fez o mesmo, antes de terminar sua frase: “Ela pode cuidar deles”.

Ela acariciou o braço do marido. “E eu, o que vou ter para fazer?”

“Existem muitas coisas para fazer. Você logo vai descobrir.”

Na descida de volta para a casa, ela sentiu o calor do corpo dele junto ao seu. Apesar da dor no tornozelo, o formigar na pele era o mesmo, e ela ergueu a mão para tocá-lo na covinha do queixo.

Depois de fazer a bandagem, eles se sentaram juntos à mesa no ambiente externo da casa.

“E então?”, ele falou, com um brilho nos olhos. “Gostou do que viu?”

“É perfeito, Laurence. Vou ser muito feliz ao seu lado.”

“Estou me sentindo culpado pela sua queda. Queria conversar com você ontem à noite, mas sua dor de cabeça estava tão forte que resolvi esperar. Tem algumas coisinhas que preciso dizer.”

Ela ergueu a cabeça. “Ah, é?”

As marcas de expressão em sua testa se aprofundaram quando ele estreitou os olhos. A exposição ao sol era claramente um fator que favorecia o aparecimento de rugas.

“Para sua segurança, mantenha distância das questões envolvendo os trabalhadores. Você não precisa se preocupar com as linhas de trabalho.”

“Que linhas são essas?”

“É o lugar onde vivem os trabalhadores da fazenda e suas famílias.”

“Parece interessante.”

“Sinceramente, não tem muita coisa para ver.”

Ela encolheu os ombros. “Mais alguma coisa?”

“É melhor não circular por aí desacompanhada.”

Ela bufou.

“Só até você conhecer melhor as coisas.”

“Muito bem.”

“Só permita que Naveena veja você de camisola. Ela vai levar seu chá todos os dias às oito. Chá na cama, é assim que eles chamam.”

Ela sorriu. “E você vai ficar comigo para o meu chá na cama?”

“Sempre que puder.”

Ela mandou um beijo para ele do outro lado da mesa. “Mal posso esperar.”

“Eu também. E não precisa se preocupar. Você logo se acostuma com o funcionamento das coisas. Amanhã você vai conhecer algumas das esposas dos outros plantadores. Apesar do jeito meio extravagante, Florence Shoebottom vai ser de grande ajuda para você.”

“Eu não tenho nada para vestir.”

Ele sorriu. “Essa é minha garota. McGregor já mandou um carro de boi buscar seu baú na estação de Hatton. Mais tarde, vou apresentá-la aos empregados, mas ao que parece tem um caixote da Selfridges à sua espera também. Coisas que você encomendou antes de vir, suponho.”

Ela estendeu os braços, sentindo-se mais animada ao pensar no cristal Waterford e em seu belíssimo vestido novo para usar à noite, um modelo mais curto e com várias camadas de franjas prateadas e cor-de-rosa. Lembrou-se do dia em que Fran insistiu para que ela o comprasse em Londres. Dali a apenas dez dias, Fran também estaria lá. Uma gralha passou e, rápida como um raio, roubou um pedaço de pão do cesto. Ela riu, e Laurence também.

“Tem muitos bichos por aqui. Vi um esquilo listrado subindo no telhado.”

“São dois. Eles têm um ninho lá em cima. Não fazem mal a ninguém.”

“Eu gosto disso.” Ela pôs a mão sobre a dele, que a ergueu para beijá-la.

“Só mais uma coisa. Quase me esqueci, mas provavelmente é a parte mais importante. As questões da casa são responsabilidade sua. Eu não vou interferir. Os empregados domésticos devem prestar contas a você e a mais ninguém.”

Ele fez uma pausa.

“No começo pode ser um pouco complicado. Os empregados ficaram por conta própria por bastante tempo. Vai dar trabalho, mas com certeza você consegue colocá-los na linha outra vez.”

“Laurence, vai ser divertido. Mas você não me contou muita coisa sobre a propriedade em si.”

“Bom, a mão de obra é tâmil, em sua maioria. Os tâmeis são ótimos trabalhadores, ao contrário da maioria dos cingaleses. Empregamos mais de mil e quinhentas pessoas. Oferecemos uma espécie de escola, uma farmácia e atendimento médico. Eles têm vários outros benefícios, como um armazém e arroz subsidiado.”

“E a fabricação do chá em si?”

“Isso é feito na nossa fábrica de chá. O processo é longo, mas posso mostrar para você um dia, se quiser.”

“Eu adoraria.”

“Ótimo. Então, agora que cuidamos disso, sugiro que tire a tarde para descansar”, ele falou, ficando de pé.

Ela olhou para o resto do almoço sobre a mesa, envolveu o próprio corpo com os braços e soltou um longo suspiro. Era chegada a hora. Quando Laurence se abaixou para beijá-la na testa, ela fechou os olhos e foi incapaz de conter um sorriso de satisfação. Ao abrir os olhos, porém, viu que ele já havia se afastado.

“Nós nos vemos à noite”, ele falou. “Me desculpe, querida, mas preciso encontrar McGregor agora. A sirene da fábrica de chá toca às quatro, e não vou estar em casa até lá, mas durma um pouco.”

Ela sentiu as lágrimas se acumularem sob as pálpebras, e limpou os olhos com o guardanapo. Gwen sabia que Laurence era muito ocupado e, obviamente, a fazenda vinha em primeiro lugar, mas era só sua imaginação ou seu marido lindo e sensível estava se mostrando um tanto distante?

# 3

No fim da tarde seguinte, Gwen estava de pé junto à janela, observando o pôr do sol. O céu e a água estavam quase do mesmo tom de dourado, com o lago emoldurado pelos morros em suas diversas variações de sépia. Ela se afastou e se vestiu com todo cuidado, observando seu reflexo no espelho. A mulher a havia ajudado a prender os cabelos com contas prateadas na altura da nuca, mas Gwen deixou uma mecha solta na lateral. Laurence havia organizado um jantar para apresentá-la como a nova senhora da Fazenda Hooper. Ela queria que sua aparência estivesse impecável, apesar de ter decidido guardar o vestido novo para quando Fran chegasse. Elas poderiam ensaiar o charleston juntas.

Seu vestido para aquela noite era de seda verde-clara, com um barrado de renda na gola e um decote mais baixo que o de costume. Era uma peça de corte mais folgado e cintura baixa, como ditava a moda, com pregas de chiffon na saia perigosamente curta. Houve uma batida na porta.

“Entre.”

Laurence parou diante da porta com as pernas ligeiramente afastadas enquanto os dois se olhavam.

Ele vestia um terno preto, com camisa branca, colete branco e gravata-borboleta branca, e havia experimentado pentear os cabelos com uma risca bem reta. Gwen sentiu o corpo tremer sob seu olhar prolongado, e prendeu a respiração.

“Eu... Você... Minha nossa, Gwendolyn!” Ele engoliu em seco.

“Você também está muito bonito, Laurence. Acho que me acostumei a vê-lo de bermuda.”

Ele se aproximou, abraçou-a e deu um beijo em sua nuca, pouco

abaixo dos cabelos. “Você está deslumbrante.”

Ela adorava a sensação do hálito quente dele contra sua pele, e sabia que sua noite seria maravilhosa. Quem duvidaria de um homem como Laurence? Sua presença era fortíssima, bastava estar perto dele para se sentir desejada e tão segura que era impossível sequer pensar que algo poderia dar errado.

“Estou falando sério. Você vai humilhar as outras mulheres com esse vestido.”

Ela baixou a cabeça para olhar a peça provocante. “É bem curto.”

“Talvez todo mundo precise de uma novidade de vez em quando. Não se esqueça da estola. Mesmo com a lareira acesa fica um pouco frio depois de anoitecer, como você deve ter percebido ontem à noite.”

Na noite anterior, Laurence estivera ocupado com os assuntos da propriedade, então o aconchego ao lado do fogo que ela imaginara não se concretizou. Às nove, os criados entraram um por um, por ordem de importância. Primeiro o mordomo de turbante, encarregado de cuidar da casa, em seguida o cozinheiro principal, ou *appu*, como era chamado, que ou sofria de calvície ou havia raspado metade da cabeça e prendia os cabelos que restavam em um coque. Suas feições eram ligeiramente orientais, como se entre seus ancestrais houvesse alguém da Indochina, e ele usava um avental branco comprido por cima do sarongue dourado. Em seguida Naveena apareceu trazendo leite de cabra quente, adoçado com mel de abelha em vez de melaço, ela explicou, antes de desejar boa noite com um sorriso simpático. Depois entraram os cinco camareiros em fila única, que disseram boa-noite em uníssono, e por fim os cules da cozinha, que simplesmente ficaram olhando para os próprios pés descalços e se curvaram. Logo depois do intrincado ritual de apresentação dos empregados, Gwen foi para a cama sozinha, usando como pretexto o pé machucado. Ela sorriu ao se lembrar da maneira como tudo tinha acontecido.

“Qual é a graça?”, perguntou Laurence.

“Estava pensando nos empregados.”

“Você logo se acostuma com eles.”

Laurence a beijou na boca, e ela sentiu o cheiro de sabonete e limão em sua pele. De braços dados, eles saíram do quarto na direção da sala, onde seria servido o coquetel antes do jantar.

“Que fragrância é aquela que a empregada usa?”, Gwen quis saber.

“Está falando de Naveena?”

“Sim.”

“Não sei. Deve ser uma mistura de cardamomo e noz-moscada. Desde que me entendo por gente ela tem esse cheiro.”

“Há quanto tempo ela trabalha aqui?”

“Desde que foi contratada pela minha mãe para ser minha aia.”

“Pobre Naveena. Até consigo imaginar você pequeno, correndo pela casa toda.”

Ele riu. “Minha mãe reuniu uma espécie de registro familiar: cartas, fotografias, certidões de nascimento, de casamento, esse tipo de coisa. Enfim, acho que tenho algumas fotos de Naveena quando era mais nova.”

“Eu adoraria ver. Quero saber tudo sobre você.”

“Eu mesmo nunca vi tudo. Verity tem uma caixa cheia dessas coisas na Inglaterra. Quero muito que vocês se conheçam, aliás.”

“Pena que ela não pôde ir ao nosso casamento. E se ela trouxesse os álbuns de família na próxima vez que fizer uma visita?”

Ele assentiu. “Claro.”

“Naveena também foi a aia de Verity?”

“Não, Verity tinha uma aia mais jovem. Quer dizer, até ir para o internato. Foi difícil para ela quando nossos pais morreram, pobrezinha. Tinha só dez anos.”

“O que vai acontecer quando Naveena ficar velha demais para trabalhar?”

“Nós cuidamos dela na velhice”, ele respondeu, abrindo as janelas francesas altas. “Vamos pela varanda.”

Ela deu um passo à frente com um sorriso. Do lado de fora, os ruídos eram ensurdecedores. *Ra-ta-ta. Tuip, tuip. Tap, tap.* Os farfalhares, assobios e grunhidos guturais subiram em um crescendo, pararam e então recomeçaram. Em seguida veio o som da água corrente, um *cri-cri-cri* agudo e o canto das cigarras para preencher o ar carregado de umidade. Em meio aos arbustos escuros, luzinhas em movimento piscavam às dezenas.

“Vaga-lumes”, ele falou.

O olhar de Gwen foi atraído pelas tochas acesas na margem do lago.

“Pensei em fazer uma caminhada noturna mais tarde”, sugeriu Laurence. “O lago fica lindo iluminado só pelas tochas e pelo luar.”

Ela abriu um sorriso, incapaz de conter sua satisfação com aquela noite agitada.

“E o perigo de depararmos com um búfalo d’água à noite é menor. Eles enxergam mal, e gostam de ficar na água durante o dia quando está calor.”

“Minha nossa, é mesmo?”

“Não se engane, são animais perigosos, que vão chifrá-la e pisoteá-la se sentirem que precisam ser agressivos. Mas não se preocupe, não há muitos deles por aqui. São mais comuns na planície de Horton.”

Na sala de estar, Florence Shoebottom e seu marido Gregory foram os primeiros a chegar, e, enquanto Laurence e o sr. Shoebottom conversavam junto ao armário de bebidas, Gwen bebia xerez e papeava com a esposa dele. Era uma mulher robusta, com os quadris largos e ombros estreitos típicos de uma inglesa. Usava um vestido florido amarelo-claro que chegava quase aos tornozelos, e tinha uma voz aguda e estridente, que não combinava com seu corpo grandalhão.

“Ora, você é uma belezura, não?”, comentou Florence, balançando o queixo gordo enquanto falava. “Espero que consiga aguentar.”

Gwen se segurou para não rir. “Aguentar?”

Florence puxou a almofada atrás de si no sofá, e em seguida a colocou no colo ao se aproximar de Gwen. Sua testa era baixa, e os cabelos de um tom desbotado de grisalho, grossos e aparentemente difíceis de pentear. Gwen sentiu um cheiro de gim misturado com suor.

“Com certeza você logo se acostuma com as coisas por aqui. Confie em mim, menina, aconteça o que acontecer, não dê intimidade aos empregados. Isso não dá certo. Eles não gostam disso, e perdem o respeito quando acontece.”

“Eu sempre me dei bem com a nossa empregada na Inglaterra.”

“Aqui não funciona assim. As raças mais escuras são diferentes, sabe. Ser gentil com eles não vale a pena. Não vale a pena mesmo. E os mestiços são ainda piores.”

À medida que a chegada de novos casais era anunciada, Gwen começou a se sentir mais e mais incomodada. Ela conhecia a palavra “mestiço”, mas não gostou nada de ouvi-la ser usada daquela maneira.

“É melhor tratá-los como se fossem crianças, e fique de olho no seu *dhobi*. Só na semana passada descobri que meu pijama de seda chinesa foi trocado por quinquilharias em uma feira livre em Hatton.”

Gwen se sentia completamente à deriva, e começou a entrar em pânico. Como ela poderia ficar de olho em seu *dhobi* se não sabia nem o que — ou quem — era um *dhobi*?

Ela olhou ao redor da sala. Era para ser uma pequena reunião para um jantar, mas já havia mais de uma dezena de casais presentes, e espaço de sobra para mais. Gwen tentou chamar a atenção do marido, mas acabou dando uma risadinha quando viu Laurence distraído em uma

conversa com um careca com orelhas de abano. Um homem chaleira.

“Devem estar falando sobre o preço do chá”, comentou Florence quando se deu conta de que ela estava olhando.

“Algum problema com a cotação do chá?”

“Ah, não, querida. Muito pelo contrário. Estamos todos nos saindo muito bem. O Daimler novinho do seu marido é uma prova e tanto disso.”

Gwen abriu um sorriso. “É mesmo impressionante.”

Um camareiro de paletó branco, parado diante da porta, soou um gongo de metal.

“E não se preocupe, se precisar de alguma coisa é só pedir. Fico feliz em ajudar. Ainda me lembro de como é ser jovem e recém-casada. É muita coisa para aprender.” Florence largou a almofada e estendeu a mão. Gwen notou que era um sinal para que ela a ajudasse a se levantar.

A sala de jantar estava bonita com todos os candelabros acesos. Tudo ali brilhava e reluzia, e o ar tinha um cheiro fresco por causa das ervilhas-de-cheiro arranjadas em vasos rasos. Gwen notou que uma mocinha bem-arrumada sorria abertamente para Laurence. Tinha olhos verdes, zigomas pronunciados e pescoço comprido. Seus cabelos loiros estavam penteados na forma de um corte chanel na frente, mas, quando ela se virou, Gwen percebeu que eram compridos e estavam elegantemente presos no pescoço. Estava ricamente adornada com rubis, mas vestida com simplicidade, de preto. Gwen tentou chamar sua atenção, torcendo para que se tornassem amigas.

O homem de óculos e aspecto meigo do outro lado da mesa se apresentou como Partridge. Ela reparou em seu queixo ligeiramente protuberante, em seu bigode curto e na expressão gentil em seus olhos acinzentados. Ele afirmou esperar que ela se adaptasse logo e disse que podia chamá-lo de John.

Nos minutos seguintes, enquanto continuaram trocando mais algumas frases, todos os olhares estavam voltados para ela, mas em pouco tempo o tema da conversa passou a ser as fofocas mais recentes de Nuwara Eliya — quem era quem e o que tinham feito, com quem e por quê. Gwen não entendia a maior parte do que diziam. Não conhecia as pessoas em questão, e assim ficava difícil se interessar. Só quando ficaram todos em silêncio e o homem chaleira bateu com o punho fechado na mesa foi que ela voltou a prestar atenção ao que era dito.

“Uma desgraça, se querem saber minha opinião. Deveriam ter matado todos eles.”

Alguns convidados trocaram cochichos paralelos enquanto o homem

continuava sua diatribe.

“Do que eles estão falando, John?”, murmurou Gwen.

“Houve uma escaramuça em Kandy pouco tempo atrás. O governo britânico reprimiu os culpados de forma brutal, ao que parece. Isso criou uma inquietação generalizada. Mas o que dizem é que não se trata de um protesto contra o governo britânico, e sim de alguma coisa a ver com flores ornamentais.”

“Então nós não estamos em perigo?”

Ele sacudiu a cabeça. “Não. Mas isso dá motivo para os velhos coronéis esbravejarem à vontade. Tudo começou dez anos atrás, quando os britânicos abriram fogo contra um grupo de muçulmanos. Foi uma espécie de mal-entendido, na verdade.”

“Não parece uma explicação muito satisfatória.”

“Não mesmo. Mas saiba que o Congresso Nacional do Ceilão não reivindica abertamente a independência, apenas mais autonomia.” Ele sacudiu de novo a cabeça. “Mas, se quer saber, acho que precisamos ser mais cautelosos. Com tudo o que vem acontecendo na Índia, não deve demorar para o Ceilão ir pelo mesmo caminho. Ainda é cedo para dizer, mas, pode escrever, teremos problemas pela frente.”

“Me diga, o senhor é socialista?”

“Não, minha cara, sou médico.”

Ela sorriu ao ver a expressão divertida no rosto do homem, mas logo em seguida ele assumiu um tom mais sério.

“O problema é que só três representantes de Kandy foram eleitos para o Conselho, então este ano alguns deles abandonaram o Congresso Nacional do Ceilão e criaram uma Assembleia Nacional de Kandy. É nisso que precisamos ficar de olho, nisso e na Liga Jovem de Lanka, que está começando a promover a oposição contra os britânicos.”

Gwen arriscou uma olhada para Laurence do outro lado da mesa, torcendo para que ele desse o sinal para que as damas se levantassem da mesa, mas ele estava mirando ao longe, estreitando os olhos.

“Nós os alimentamos”, disse um outro homem, “cuidamos deles, oferecemos um teto para se abrigarem. Cumprimos com sobras todos os requisitos necessários. O que mais eles querem? Sinceramente...”

“Mas podemos fazer muito mais”, interrompeu Laurence, claramente se segurando para moderar seu temperamento. “Eu construí uma escola, apesar de pouquíssimas crianças a frequentarem. Está na hora de encontrarmos uma solução.”

Seus cabelos ondulados estavam desarrumados na frente, um sinal

claro de que havia passado as mãos na cabeça, algo que o marido fazia quando estava incomodado, ela já tinha notado. Isso o fez parecer mais jovem, e ela sentiu um desejo desesperador de abraçá-lo.

O médico deu um tapinha em sua mão.

“O Ceilão é... Bom, o Ceilão é o Ceilão. Você logo vai ter sua própria impressão daqui”, garantiu ele. “A mudança ainda está distante, mas nós não vamos permanecer imunes à mensagem de *swaraj* de Ghandi para sempre.”

“*Swaraj*?”

“Autogoverno.”

“Entendo. Isso seria ruim?”

“A esta altura, ninguém sabe.”

Depois que todos os convidados se foram, ela ficou empolgadíssima quando Laurence entrou no quarto e deitou de pernas abertas na cama. Com a lareira acesa, o cômodo estava quente demais. Eles não iriam passear no lago?

“Venha, querida”, disse ele. “Fique aqui comigo.”

Gwen foi até ele e, de roupa e tudo, se deitou sobre as cobertas. Ele se sentou, apoiando o peso do corpo em um dos cotovelos, e sorriu.

“Minha nossa, você é linda.”

“Laurence, quem era aquela loira de preto? Não consegui conversar com ela.”

“De preto?”

“Sim. Ela era a única.”

Ele franziu a testa. “Deve ser Christina Bradshaw. É uma viúva americana. O marido dela era o banqueiro Ernest Bradshaw, por isso aquele monte de joias.”

“Ela não parecia ser uma viúva amargurada.” Gwen fez uma pausa para observar o rosto inteligente e de feições bem desenhadas do marido.

“Laurence, você me ama, não?”

Ele pareceu surpreso. “Por que essa pergunta agora?”

Ela mordeu o lábio, procurando uma forma de dizer o que queria. “Mas você não... O que eu quero dizer é que estou me sentindo meio sozinha desde que cheguei à fazenda. Quero passar mais tempo com você.”

“Você está comigo agora.”

“Não foi isso que eu quis dizer.”

Houve um breve silêncio, durante o qual Gwen se sentiu um tanto insegura de si. “Que árvore é aquela diante da minha janela?”, ela perguntou. “Parece uma cerejeira.”

“Ai, meu Deus, você não comeu aquilo, né?”

Ela fez que sim com a cabeça.

“É uma fruta amarga. Eles usam para fazer chutney. Eu mesmo sempre mantenho distância dessa coisa.” Ele rolou para cima dela de repente e, prensando-a na cama, beijou-a na boca. Ela gostou de sentir o leve cheiro de álcool em seu hálito e, cheia de expectativa, abriu os lábios. Ele contornou o formato de sua boca com o dedo, e toda a tensão abandonou seus músculos, mas então algo estranho aconteceu. Quando Laurence respirou fundo e ficou todo tenso, ela notou algo perturbador em seus olhos. Ela o acariciou no rosto, mas ele continuou a encará-la, com os olhos distantes, como se não soubesse quem estava à sua frente. Em seguida ele engoliu em seco, se levantou e saiu andando.

Gwen ficou paralisada por um instante e, quando saiu para o corredor, notou que ele estava subindo a escada. Para que nenhum empregado a visse correndo atrás do próprio marido, ela voltou para o quarto e se encostou na porta fechada para recobrar o fôlego. Em seguida, fechou os olhos e cedeu a um sentimento de vazio e solidão. A ideia de ver o lago iluminado pelas tochas à noite também não virou realidade. Qual era o problema com ele?

Ela se despiu e foi para a cama. Acostumada a demonstrações diretas e sinceras de sentimentos, estava se sentindo confusa e desejosa dos braços de Laurence em torno de seu corpo, acometida por um surto de saudade de casa. Seu pai teria dado um tapinha em sua mão e dito para que ela erguesse a cabeça. Sua mãe provavelmente lhe faria uma caneca de chocolate quente, que entregaria com um olhar de comiseração no rosto. A prima Fran, com uma expressão fingida de seriedade no rosto, diria simplesmente para ela deixar de ser mole. Gwen gostaria de ser mais parecida com Fran. Ninguém aprovara a ideia de que ela fosse visitar aquela médium, madame Sostajinski, mas ela foi mesmo assim. E quem poderia culpá-la, depois de seus pais sofrerem uma morte tão trágica no naufrágio do *Titanic*?

A preocupação com Laurence espantou seu sono, e, sabendo que provavelmente passaria a noite em claro, Gwen se deitou com os olhos abertos. Ele devia ter suas razões, ela pensou. Mas o que seria capaz de explicar aquela estranha expressão em seu olhar?

Uma semana inteira se passou, e Gwen estava sentada na sala de estar. Agora mais acostumada aos empregados de passo leve que sempre davam um jeito de não cruzar seu caminho, ela esperava por aqueles que convocara para uma conversa. Depois de observar os trabalhos na casa, ela preparara anotações sobre o que havia visto. Laurence ainda não dormira em sua cama. Sempre havia alguma razão, e ela nunca conseguia argumentar em contrário. Simplesmente teve que se acostumar a não olhar para o rosto de Naveena quando esta trazia seu chá na cama em uma bandeja de prata. Estava mais do que óbvio para a mulher que ela dormia sozinha, e Gwen, por não querer se submeter à piedade de ninguém, preferia guardar a questão para si.

Ela endireitou os ombros e, apesar de chateada, decidiu não pensar mais no assunto, pelo menos por ora. Laurence provavelmente estava preocupado com as questões da fazenda e, com certeza, em breve se aproximaria. Enquanto isso, ela se manteria ocupada se tornando a melhor esposa de que era capaz. Obviamente, não por querer competir com a primeira mulher de Laurence, Caroline. Gwen queria apenas que seu marido tivesse orgulho dela.

Quando ouviu a batida na porta, ela limpou as palmas suadas na saia. Naveena, o *appu*, o mordomo e dois camareiros entraram.

“Estão todos aqui?”, ela perguntou com um sorriso, juntando as mãos para esconder o nervosismo.

“Cules da cozinha ocupados”, avisou Naveena. “Os outros camareiros também. Só vir nós.”

O mordomo e Naveena eram cingaleses. Os demais eram tâmeis. Ela só esperava que todos entendessem inglês e se dessem bem uns com os outros.

“Bem, convoquei esta reunião para que vocês entendam quais são os meus planos.”

Eles trocaram olhares.

“Fiz uma lista de coisas cuja responsabilidade é de vocês, e tenho algumas perguntas.”

Ninguém se manifestou.

“Em primeiro lugar, de onde vem o leite? Não vi nenhuma vaca na propriedade.”

O *appu* ergueu a mão. “Leite vir todo dia, de búfalo, lá dos vales.”

“Entendo. Então o suprimento é suficiente?”

Ele fez que sim com a cabeça. “E temos duas cabras também.”

“Ótimo. Minha próxima pergunta é: o *dhobi* vem em qual dia da semana?”

“A senhora precisar tratar com ele.”

“Ele fala inglês?”

“Ele fala inglês também, não muito bom.”

“Mas o suficiente?”

O homem chacoalhou a cabeça.

Ela ainda não sabia se isso era um sim ou um não, mas pelo menos descobrira que o *dhobi* era o homem que cuidava da lavagem das roupas. E também que ele trabalhava para mais de uma propriedade, portanto queria saber se poderia tê-lo com exclusividade.

Ela encarou os rostos cheios de expectativa dos empregados. “A próxima questão é que pretendo ter um canteiro para a cozinha.”

Eles se entreolharam, sem entender ao certo.

“Um canteiro na cozinha?”, perguntou o *appu*.

Ela sorriu. “Não, um canteiro para plantar produtos para a cozinha. Temos terra de sobra, então faz todo o sentido. Mas vou precisar de trabalhadores para cuidar disso.”

O mordomo encolheu os ombros. “Nós não somos jardineiros, senhora. Já temos jardineiro.”

“Sim, mas seria trabalho demais para um homem só.” Ela conhecia o jardineiro: um baixote excepcionalmente gordo, com a cabeça miúda emoldurada por cabelos pretos crespos e um pescoço da largura da cabeça.

“Ele vir sempre, senhora, mas pergunte a sr. McGregor”, disse Naveena. “Ele ceder homens das linhas de trabalho.”

Gwen abriu um sorriso. Ainda não havia sido formalmente apresentada a Nick McGregor, e seria a oportunidade ideal para fazer

amizade com ele. Ela se levantou.

“Bem, obrigada a todos. Por hoje é só. Devo falar com cada um individualmente sobre as mudanças em suas rotinas diárias.”

Eles fizeram uma mesura, e ela saiu da sala, contente com o resultado da conversa.

Além do labrador, ela descobriu dois jovens cães de caça de pequeno porte, Bobbins e Spew, com quem fez amizade, passando horas jogando gravetos e correndo com eles. Atravessando o corredor com os dois em seu encalço, seus pensamentos se voltaram para Laurence. Ela respirou fundo e comprimiu os lábios. Não tinha como forçar o marido a fazer amor com ela, por mais que tentasse. Antes do casamento, quando falaram em constituir uma família, ele havia dito que quanto mais filhos melhor, pelo menos cinco. E, recordando-se do tempo agradabilíssimo que passaram na Inglaterra, e no hotel quando ela chegou, parecia impossível determinar o que havia dado errado.

Era quase hora do almoço, e ela decidiu que chamaria Laurence até seu quarto e exigiria uma explicação. Ele estava em seu dia de folga, e não poderia usar o trabalho como desculpa.

Depois do almoço, enquanto eles limpavam a boca com os guardanapos de linho, ela se levantou e, com os dedos ansiosos para tocá-lo, estendeu a mão. Laurence a segurou, e ela o puxou, percebendo que as palmas das mãos dele estavam geladas. Gwen inclinou a cabeça e piscou algumas vezes.

“Venha.”

No quarto, ela fechou as venezianas, mas deixou os vidros abertos, para que o ar pudesse circular. Ele permaneceu absolutamente imóvel, de costas para a janela, e os dois se encararam sem dizer nada.

“Volto daqui a pouquinho”, ela avisou.

O rosto dele se manteve impassível.

Ela caminhou até o banheiro, tirou o vestido, soltou as meias de seda e as baixou até os pés — com o calor do Ceilão, abandonou o hábito de usar espartilho assim que desceu do navio. Em seguida se livrou da combinação francesa de seda com a calcinha do mesmo tipo e removeu os suspensórios e os brincos, deixando apenas o colar de pérolas no pescoço. Totalmente nua a não ser pelo adereço, ela se olhou no espelho. Seu rosto estava vermelho por causa das três taças de vinho que tomara, e ela acrescentou mais um pouco de coloração com um toque de ruge Rigaud cor-de-rosa. Olhando-se no espelho, espalhou a maquiagem com o dedo, passando um pouquinho também no pescoço.

Munições: era assim que Fran chamava o pó de arroz e o ruge.

Quando voltou ao quarto, Laurence estava sentado na cama com os olhos fechados. Ela foi andando na ponta dos pés e se colocou na frente dele, que não abriu os olhos.

“Laurence?”

Alinhando o peito dos dois na mesma altura, ela pressionou seu corpo contra o dele. Laurence pôs a mão em sua cintura e a segurou por um instante. Em seguida abriu os olhos e a encarou. Ela ficou observando quando ele levou um de seus mamilos à boca, sentindo os joelhos fraquejarem e quase desmaiando ao sentir a eletricidade que a percorria, intensificada pelo fato de ele estar vendo as reações em seu rosto.

Eles permaneceram assim por um breve momento, e então ele a soltou. Enquanto chutava os sapatos para longe, desabotoava a camisa e tirava a calça e a cueca, ela sentiu um aperto no peito. Ele a deitou na cama, e a nuca de Gwen se arrepiou ao senti-lo com o corpo montado sobre o seu, ajustando a posição. Quando a penetrou, ela soltou um suspiro. A sensação fez seu coração se chocar contra as costelas e roubou seu fôlego. Excitada por uma perda completa de inibição, ela cravou as unhas nas costas dele. Foi quando algo mudou. Os olhos dele perderam o foco, e o ritmo se acelerou. Ela havia encorajado isso, mas não conseguia manter a coisa naquele pé, não parecia certo. Como ele podia ter sido consumido tão rapidamente por algo que não parecia ter nada a ver com ela? Gwen pediu para que fossem mais devagar, mas ele aparentemente não ouviu e, alguns segundos depois, soltou um grunhido e tudo acabou.

Ele saiu de cima dela, mas virou a cabeça para o outro lado enquanto recuperava o fôlego.

Houve um silêncio que durou alguns instantes, durante o qual ela lutou contra seus próprios sentimentos.

“Laurence?”

“Me desculpe se machuquei você.”

“Não machucou. Laurence, olhe para mim.” Ela virou a cabeça dele para si. A verdade era que ele a havia machucado um pouco. Chocada com o vazio que encontrou nos olhos dele, ela sentiu os seus se encherem de lágrimas.

“Querido, me diga qual é o problema. Por favor”, ela pediu.

Gwen queria que ele dissesse alguma coisa, qualquer coisa que o trouxesse de volta para ela.

“Estou me sentindo tão...”

Ela ficou à espera.

“O problema é estar aqui”, ele disse por fim, e a encarou com um olhar tão desolado que ela estendeu o braço para confortá-lo. Ele segurou sua mão, virou a palma para cima e a beijou.

“Não é você. Você é preciosíssima para mim. Por favor, acredite em mim.”

“Então qual é o problema?”

Ele largou a mão dela e sacudiu a cabeça.

“Me desculpe. Não consigo fazer isso”, disse, antes de vestir as roupas e sair às pressas do quarto.

Completamente estupefata, e sentindo como se seu coração estivesse prestes a se desmanchar, ela puxou as pérolas do pescoço. O cordão se rompeu, e as esferas miúdas se espalharam pelo chão. *Por que* ele não conseguia fazer isso? Ela o desejava tanto e, acreditando em seu amor, resolvera dedicar sua vida a ser uma boa esposa e uma boa mãe. Gwen sabia que ele a queria, e de verdade — era só se lembrar de como se comportara em Colombo! Mas, estando tão longe de casa, ela não sabia para quem se voltar.

Gwen deve ter dormido, porque não ouviu Naveena entrar no quarto, e teve um sobressalto quando abriu os olhos e viu a cingalesa sentada na cadeira junto à cama, com uma jarra no colo e o rosto redondo com a mesma compostura de sempre. As pérolas recolhidas estavam todas em um pires ao lado da cama.

“Tem limonada, senhora.”

A expressão nos olhos escuros da mulher era tão gentil que Gwen caiu no choro. Naveena estendeu a mão e tocou seu braço de leve. Gwen ficou olhando para aquela mão morena e áspera, tão escura em comparação com sua pele branca. Naveena parecia ter uma sabedoria ancestral nos olhos, e Gwen admirava sua compostura. Apesar de desejar que Naveena a abraçasse e acariciasse seus cabelos, ela se lembrou das palavras de Florence Shoebottom e se virou para o outro lado. Era melhor não ter intimidade com os empregados.

Um pouco mais tarde, ansiosa para sair um pouco de casa e tentar salvar alguma coisa de seu dia, Gwen se vestiu às pressas, incapaz de conter o turbilhão que dominava sua mente. Ela se lembrou de seu chapéu, e decidiu explorar o que existia além das árvores altas na lateral da casa. Estava tudo silencioso, e o calor da tarde tornava a atmosfera

preguiçosa. Até os pássaros estavam dormindo, e o único som que se ouvia era o zumbido dos insetos. Ela saiu pela porta dos fundos e passou pelo lago. Uma névoa em um tom pálido de lilás se estendia sobre a superfície até onde sua vista era capaz de alcançar. Laurence a alertara para não nadar ali sem supervisão, então ela ignorou o impulso de tirar o vestido e entrar na água.

Os morros geralmente verdejantes do outro lado do lago estavam azuis, e era difícil distinguir as formas coloridas das catadoras de folhas. Sua primeira impressão, porém, permanecia a mesma. Eram como pássaros exóticos, com cestos pendurados sobre os ombros e sáris de todas as cores. Agora ela sabia que todos os trabalhadores braçais da propriedade eram tâmeis. Os cingaleses consideravam vergonhoso esse tipo de trabalho, embora alguns aceitassem ser empregados domésticos, então os proprietários de fazendas se voltaram para a Índia em busca de mão de obra. Alguns tâmeis viviam em meio às plantações havia gerações, segundo Laurence. E, apesar das recomendações em contrário, Gwen queria ver como eram as linhas de trabalho. Ela imaginou cabanas aconchegantes e crianças barrigudinhas cochilando em redes penduradas nas árvores.

Gwen chegou ao pátio, ladeado em um dos lados pela cozinha. As árvores marcavam a delimitação do espaço do lado oposto. Quando ela estava prestes a cruzar o pátio de cascalho, um homem em farrapos apareceu na porta da cozinha. Ele estendeu as duas mãos e chacoalhou a cabeça. Um jovem ajudante de cozinha apareceu, gritou e o empurrou para longe. Em meio à confusão, o homem foi ao chão. O ajudante de cozinha lhe deu um pontapé e voltou para dentro, batendo a porta.

Gwen hesitou por um instante, mas, quando viu que o homem continuava deitado no cascalho, gemendo, criou coragem e correu até ele.

“O senhor está bem?”, ela perguntou.

O homem a encarou com seus olhos pretos. Seus cabelos estavam embaraçados, e seu rosto era largo e bem escuro. Quando ele falou, Gwen não entendeu nada. Ele apontou então para os pés descalços, e ela viu uma ferida em supuração.

“Minha nossa, o senhor não pode andar por aí assim. Aqui, pegue no meu braço.”

O homem a olhou sem nada compreender, então ela estendeu a mão para ajudá-lo. Quando sentiu que ele estava seguro e equilibrado, incentivou-o com gestos a acompanhá-la até as cozinhas. Ele sacudiu a

cabeça e tentou se afastar.

“Mas o senhor precisa. Essa ferida tem que ser lavada e tratada.” Ela apontou para o pé do homem. Ele tentou se afastar outra vez, mas, por causa de seu estado, ela conseguiu segurá-lo, pois tinha mais força que ele.

Quando chegaram à porta da cozinha, Gwen virou a maçaneta e abriu. Três pares de olhos acompanharam sua entrada no recinto. Nenhuma das três pessoas se moveu. Enquanto Gwen e o homem se aproximavam da mesa, ela puxou uma cadeira com uma das mãos para acomodar o ferido.

Os ajudantes de cozinha começaram a murmurar em um idioma que ela supôs ser o tâmil, porque o homem na cadeira pareceu entender e fez menção de se levantar. Gwen pôs a mão no ombro dele e o empurrou de volta, antes de olhar ao redor. Era possível sentir cheiro de querosene, e ela notou também duas caixas para acondicionar carnes e diversos armários cor de creme com as pernas equilibradas dentro de tigelas e coisas do tipo — para matar os insetos, foi o que ela pensou. Havia algumas pias baixas e um fogão a lenha, onde era queimado o grande estoque de madeira empilhado logo ao lado. O cheiro no recinto era uma mistura de suor humano, óleo de coco e do curry que haviam comido no almoço. O primeiro curry de sua vida.

“Muito bem”, ela falou, apontando para duas tinas grandes d’água ao lado das pias. “Preciso de uma tigela de água morna e de um pouco de musselina.”

Os ajudantes de cozinha permaneceram olhando para ela. Gwen repetiu o pedido, acrescentando um “por favor”. Mesmo assim, ninguém se moveu. Ela ficou se perguntando o que fazer, mas nesse momento o *appu* apareceu. Ela sorriu, imaginando que com ele a conversa chegaria a algum lugar; afinal, ele sempre lhe dava boa noite, e a tratara com respeito durante a reunião que haviam tido. No entanto, alguma coisa em seu olhar revelava que ele não estava muito feliz.

“O que é isso?”

“Quero que me tragam água para limpar a ferida deste homem”, ela falou.

O *appu* estalou os dentes e soltou um assobio. “Não pode.”

Gwen sentiu sua pele se arrepiar. “Como assim, não posso? Sou a senhora da Fazenda Hooper, e insisto que você faça com que me obedeçam.”

Ele parecia tentado a se manter firme em sua posição, mas então,

aparentemente se colocando em seu lugar, virou-se para um dos cules da cozinha e, fazendo cara feia, murmurou algo e apontou para a pia. O jovem correu e um minuto depois voltou com uma tigela de água e alguns pedaços de musselina. Laurence tinha razão. Os empregados haviam ficado por conta própria por tempo demais. Gwen mergulhou um pedaço de musselina na água e limpou a ferida o quanto o homem foi capaz de aguentar.

“O pé dele está terrivelmente infeccionado”, ela comentou. “Se não for tratado, ele pode perdê-lo.”

O *appu* deu de ombros, e o descontentamento era visível em seus olhos. “Os trabalhadores da fábrica e dos campos não poder entrar na casa.”

“Você sabe o que aconteceu com ele?”, ela perguntou.

“Um prego, senhora.”

“Onde fica o iodo?”

Os ajudantes de cozinha olharam para o *appu*, que encolheu os ombros outra vez.

“Iodo, homem, e não demore”, disse Gwen, sentindo a tensão começar a enrijecer seus ombros.

O homem foi até um armário na parede e voltou com um pequeno frasco. Foi impossível para Gwen não notar o ressentimento que ele demonstrou ao fazer isso. Não importava o que o cozinheiro pensava, ela disse a si mesma; o importante era ajudar aquele pobre coitado.

“E as bandagens?”, perguntou Gwen.

O cozinheiro pegou um rolo de faixa e o entregou junto com o frasco de iodo a um ajudante de cozinha, que passou tudo para Gwen.

“Ele se machucou sozinho, senhora”, disse o cozinheiro. “Homem muito preguiçoso. Arruma problema.”

“Não me interessa. E, já que está aqui, dê a ele um saco de arroz. Ele tem família?”

“Seis filhos, senhora.”

“Então dê dois sacos de arroz.”

A boca do cozinheiro se abriu em protesto, mas ele pareceu pensar melhor, deu de ombros e ordenou ao cule da cozinha que pegasse o arroz.

Quando Gwen terminou o curativo no pé do homem, ajudou-o a se levantar, sob os olhares do *appu* e dos cules. Não foi fácil ampará-lo até a porta, e uma ajuda seria bem-vinda. Juntos, porém, eles conseguiram sair da casa e caminhar até o paredão de árvores altas. Ela ouviu uma

comoção eclodir atrás de si na cozinha, mas manteve a cabeça erguida e continuou andando pelo caminho bem marcado por entre as árvores, com o homem saltitando com uma perna só e apoiado em seu braço. Quando ele tentou se soltar e pôr o pé enfaixado no chão, ela sacudiu a cabeça.

Era um lugar de vegetação densa, com raízes espalhadas pelo caminho. Além de sustentar o peso dele em um dos braços, com a outra mão ela precisava espantar um milhão de criaturas aladas. Eles caminharam uns oitocentos metros sob uma luz esverdeada filtrada pelas árvores e um cheiro intenso de folhas, terra e vegetação apodrecida, em um progresso tão lento que ela perdeu a noção de distância.

Depois de um tempo, as árvores rarearam e então surgiu uma clareira. Ela ouviu o som de crianças gritando à distância. Mais adiante no caminho de terra, havia uma fileira de mais ou menos uma dúzia de cabanas de madeira com telhado de zinco, todas ligadas uma às outras por uma espécie de terraço precário. Em meio às árvores, fileiras similares de cabanas — algumas com teto de zinco, outras de folhas de palmeira — podiam ser vistas em todas as direções. Em frente a cada uma havia as casinhas, latrinas improvisadas com serragem que fediam terrivelmente. Sárís em tons fortes de vermelho, azul e roxo pendiam dos varais, flutuando sobre o chão de terra batida. Diversos velhos usando apenas tangas sentavam-se de pernas cruzadas diante das cabanas, fumando um tabaco malcheiroso em meio a galinhas magricelas que ciscavam no chão.

Uma mulher apareceu. Quando viu Gwen, ela levantou a voz para o homem e chamou seus três filhos para dentro. O restante das crianças se reuniu em torno de Gwen, tagarelando animadamente e apontando para diferentes partes de suas roupas. Uma delas, mais ousada, tocou em sua saia.

“Olá”, disse Gwen, estendendo a mão, mas a criança deu um passo para trás, ficando tímida de repente. Ela fez uma anotação mental para trazer doces em sua próxima visita.

Pareciam todas iguais, todas com pele escura e reluzente, com cabelos pretos e ondulados, corpos magros e barrigas grandes. Elas a encaravam com seus lindos olhos castanhos, que não se assemelhavam aos de crianças pequenas. Uma ou duas não pareciam muito bem, e todas estavam desnutridas.

“São seus filhos?”, ela perguntou ao homem.

Obviamente incapaz de entendê-la, ele encolheu os ombros.

Enquanto Gwen observava um pássaro bicando o chão à procura de

minhocas e insetos, a mulher que aparecera gritando veio até ela e fez uma medida, mantendo os olhos baixos. Tinha cabelos partidos ao meio, narinas largas, zigomas pronunciados e lóbulos da orelha compridos. O homem entregou a ela os dois sacos de arroz. A mulher os pegou, e dessa vez arriscou um rápido olhar para Gwen, difícil de identificar. Parecia contrariedade, ou talvez medo. Poderia ser piedade, e, se fosse mesmo isso, era mais difícil ainda de compreender. A mulher tinha tão pouco, e Gwen tinha tudo. Mesmo o colar que a tâmil usava se resumia a um cordão com sementes vermelhas. A mulher fez outra medida, puxou para o lado a cortina esfarrapada que cobria a frente da cabana e desapareceu lá dentro. As cabanas tinham mais ou menos três metros por três metros e meio, sendo menores que o vestibulo da casa de Laurence, e pareciam ser bem frias à noite.

Em questão de instantes, o céu ficou vermelho. Ela ouviu o barulho dos grilos e, na direção do lago, o coro das rãs começar. Gwen soltou o braço do homem, deu um passo para trás e se virou correndo na direção das árvores, em meio ao anoitecer repentino.

O caminho estava escuro. As copas das árvores bloqueavam o pouco de luz do dia que restava. Ela sentiu um calafrio de medo. Havia barulhos de sobra naquele bosque: farfalhares e rangidos, sons de passos, respirações pesadas. Laurence tinha dito que havia javalis selvagens por ali, e que eles eram agressivos. Ela se perguntou o que mais poderia haver. Cervos, talvez, e cobras com certeza. Cobras nas árvores, cobras no mato. Algumas poderiam não ser muito ameaçadoras, mas e as serpentes venenosas? Ela acelerou o passo. Laurence avisara, e ela não dera ouvidos. Em que estava pensando? Na escuridão sufocante, ficava difícil respirar, e impossível ver o caminho à frente. Era preciso se orientar apenas pelo tato. Seus pés engancharam em cipós no chão, ela perdeu o equilíbrio e ralou a testa e o braço em um tronco de árvore.

Quando viu as luzes piscantes da casa, seu coração estava disparado, e apenas quando saiu aos tropeções do meio das árvores e chegou ao pátio foi que voltou a respirar normalmente.

Mas então, enquanto atravessava o pátio às escuras, uma voz gritou em um tom imperativo. Não era o vigia noturno.

Droga, ela pensou, reconhecendo o sotaque escocês. No meio de tanta gente, tinha que ser justamente a pessoa em quem ela queria causar uma boa impressão.

“Sou eu, Gwendolyn”, ela falou ao chegar à porta e aproximar o rosto da luz.

“Que diabos estava fazendo, saindo do meio das árvores desse jeito?”

“Desculpe, sr. McGregor.”

“A casa pode ser responsabilidade sua, mas tudo o que acontece na propriedade me diz respeito. Sra. Hooper, seu lugar não é nem perto das linhas de trabalho. Acredito que seja de lá que esteja vindo, não?”

Motivada por uma sensação de injustiça, ela elevou o tom de voz. “Eu só estava tentando ajudar.”

Ela observou os vasos estourados no rosto do homem. Era um sujeito grandalhão de cabelos ruivos, já ralos nas têmporas, pescoço grosso e queixo largo. O bigode era espesso, os lábios eram finos e os olhos, de um azul intenso. Ele segurou seu braço ferido com uma força exagerada.

“O senhor está me machucando”, ela falou. “Agradeço se tirar a mão de mim, sr. McGregor.”

Ele a encarou com uma expressão contrariada. “Seu marido vai ficar sabendo disso, sra. Hooper.”

“Tem razão”, ela respondeu, com mais segurança do que de fato sentia. “Vai mesmo.”

Nesse momento, Gwen sentiu um alívio tremendo ao ver Laurence saindo de dentro da casa. Ele sorria, mas houve um momento de tensão quando encarou McGregor sem dizer palavra. O estranhamento logo passou, e Laurence estendeu a mão para ela. “Vamos cuidar de você.”

Apesar de abalada, ela abriu um sorrisinho e segurou a mão dele.

Laurence se virou para McGregor. “Ora, Nick, não aconteceu nada de mais. Logo Gwen vai entender como as coisas funcionam.”

McGregor parecia prestes a explodir, mas não disse nada.

“São só os primeiros dias. Vamos ter paciência.” Laurence a abraçou. “Pronto, pode se apoiar em mim.”

A corrida em meio à escuridão das árvores a deixara vulnerável, e ela percebeu que provocara uma situação desagradável entre McGregor e Laurence. Alguma coisa naquele sujeito a deixou alarmada, ainda que não só ele — as privações que testemunhara nas linhas de trabalho a haviam perturbado também. E, apesar de não se sentir mais tão confortável com Laurence depois do incidente no quarto, ela ficou imensamente feliz por ter os braços dele em torno de seu corpo, e torceu para que surgisse uma chance de conversar sobre o que havia acontecido.

Na manhã seguinte, depois de elaborar um novo plano para a limpeza

de rotina da casa e de tentar entender a contabilidade doméstica por mais de duas horas, esses assuntos logo foram deixados de lado em sua mente. A postura de McGregor era um problema mais difícil de ignorar, e ela precisaria da ajuda dele para conseguir seus jardineiros.

Gwen pegou o papel com os planos que havia feito para sua pérgula; talvez jasmims brancos subindo por uma treliça de metal, ficou pensando ao sair pelas portas francesas.

O lago brilhava sob o céu de um azul intenso, escuro na sombra, mas quase prateado à luz do sol, pontuado por um ou outro traço de verde. Gwen passou pelo jacarandá azul e sentiu o cheiro de uma flor desconhecida no ar. Galhas saíram voando do gramado bem cuidado e bem aparado, composto por um tipo de grama mais dura que a inglesa. Ela queria encontrar um lugar para deixar sua marca, mas sem aborrecer o velho tâmil, que parecia considerar seus aqueles gramados e canteiros. Gwen teria que consultar Laurence sobre o local para plantar sua horta, mas por ora se ocuparia de conseguir o melhor lugar possível para sua pérgula.

Bobbins e Spew iam se enrodilhando em suas pernas, como sempre faziam. Ela jogou a bolinha com força, e eles desapareceram em meio aos arbustos, perto de onde as galhas bicavam o gramado à procura de minhocas.

“Pronto”, disse ela. “Vão buscar!”

Spew era o mais ousado, e, aonde quer que fosse a bolinha, ia atrás. Ela observou quando ele se agachou para passar por uma abertura nos arbustos e se embrenhar na parte mais alta da vegetação do jardim.

Gwen estava irritada. Quando fora procurar por Laurence naquela manhã, encontrara Naveena, que informara ter deixado um bilhete em sua penteadeira, um recado do patrão.

Ao abri-lo, Gwen descobriu, por meio da caligrafia marcante e sem rodeios de Laurence, que não o veria nos dois dias seguintes. Eles não puderam nem conversar. Agora ela era informada por escrito de que ele tinha ido a Colombo buscar Fran; e, como também era juiz de paz e magistrado extraoficial em assuntos de polícia, tinha um trabalho a fazer no tribunal em Hatton. Os ânimos estavam exaltados em um vilarejo local, e ele precisava acalmar os nativos e decidir quem era o verdadeiro culpado.

Gwen sentiu uma saudade repentina de casa. Repreendeu-se por isso, mas era impossível não ficar irritada com o fato de ele não tê-la avisado pessoalmente, nem perguntado se queria acompanhá-lo. Por

outro lado, ele havia dito que o calor em Colombo estaria insuportável por causa do atraso das chuvas das monções. Pelo menos ali, nos morros de Dickoya, o tempo estava fresco, e, como pretendia passar o dia fora de casa, ela ficou contente por isso.

Enquanto chamava Spew, o sr. Ravasinghe voltou à sua mente. Ela já havia se pegado pensando naquele encontro fortuito várias vezes. Ele fora de uma consideração ímpar, mas Gwen sentia que o homem de pele morena, cabelos ondulados e olhos escuros e reluzentes estava escondendo alguma coisa.

Ela não conseguia encontrar o cão de caça.

Bobbins estava escavando, com o traseiro erguido no ar, exatamente na abertura por onde Spew desaparecera atrás da bolinha, perto dos arbustos de antúrios com folhas em formato de coração e flores delicadas que ela vira em sua primeira manhã na fazenda. Gwen foi até lá e fez um carinho no animal.

“Para onde ele foi, hein, Bobbins?”

Ela ouviu um latido e olhou por uma pequena abertura à sombra de uma árvore grande, mas a pouca luminosidade não permitia que visse muita coisa. Gwen puxou alguns ramos de uma espécie de trepadeira. A coisa toda cedeu com uma facilidade surpreendente, e, quando ela puxou mais um pouco, uma espécie de túnel com mato alto se revelou entre as árvores. Se o túnel tinha uma entrada, devia ter uma saída. Ela produziu uma abertura grande o suficiente para permitir sua passagem, arranhando o braço em alguns espinhos afiados, mas, quando conseguiu entrar, era possível ficar quase de pé lá dentro.

“Spew, estou indo buscar você”, gritou.

O túnel fazia uma curva e dava acesso a um lance de degraus de pedra em descendente cobertos de musgo. Ela olhou para a luz que entrava pela abertura do túnel. Parecia seguro, concluiu, apesar do medo de que pudesse haver cobras. Permanecendo totalmente imóvel, deu uma espiada no chão ao redor; nada se moveu, e, como o vento não batia naquele lugar confinado, não se ouvia nem ao menos o farfalhar das folhas.

Ela seguiu em frente, escutando apenas os próprios passos, o zumbido dos mosquitos e a respiração ofegante de Bobbins.

Depois de descer os degraus escorregadios, deparou com uma pequena clareira, que algum dia deveria ter sido bem maior. Ali os arbustos e trepadeiras estavam tão crescidos que só havia espaço para ela em um banco de pedra apoiado em dois tocos de árvore. Era parecido

com o esconderijo de infância que ela e Fran haviam criado no meio do bosque em Owl Tree, com sua luz filtrada e todos os ruídos do exterior abafados pelas árvores. Era um lugar pacífico. Bobbins se sentou em silêncio aos seus pés. Gwen respirou fundo e reconheceu o cheiro de madressilvas, misturado a um odor amargo de ervas.

O silêncio se quebrou quando Spew apareceu rastejando na clareira, com o nariz rosado coberto de terra e carregando algo na boca.

“Largue isso, Spew!”, ela falou.

O cãozinho de caça rosnou e se manteve onde estava.

“Venha para cá, seu cachorro malcriado, e largue isso.”

Ele não obedeceu.

Gwen ficou de pé, segurou-o pela coleira e agarrou uma das pontas do objeto. Quando o puxou para si, viu que era um pedaço de um brinquedo de madeira. Um navio, ela pensou, uma embarcação sem as velas.

O cãozinho perdeu a vontade de fazer pirraça. Abanou o rabo e largou o resto do brinquedo aos pés de Gwen.

“De quem pode ter sido isso?”, ela questionou em voz alta, sorrindo para os cães. “Não adianta nada perguntar para vocês, não é?”

Os cães se dirigiram para o ponto de onde Spew aparecera. Gwen foi atrás, imaginando que, caso aquele local já tivesse sido uma grande clareira, seria o lugar perfeito para sua pérgula. Para ter uma visão mais clara, ela tentou abrir caminho por arbustos carregados de uma frutinha miúda, mas só conseguiu arrancar os ramos menores e os gravetos. Seria preciso um par de luvas de jardinagem e boas tesouras de poda.

Gwen se agachou sobre os calcanhares, com as mãos ardendo por causa dos cortes e arranhões. Decidiu desistir e voltar outra hora, com um equipamento mais apropriado.

Spew continuava cavando, e então começou a latir. Ela reconheceu a empolgação daquele latido — Spew encontrara algo. Gwen arrancou mais algumas folhas em seu caminho e se aproximou para ver. Diante dela, havia uma pedra lisa e coberta de musgo, levemente inclinada para a esquerda. O chão ao redor estava repleto de flores silvestres clarinhas. Ela respirou fundo o ar úmido e amadeirado, sentindo-se hesitante. Parecia um pequeno túmulo. Olhando ao redor quando ouviu algo se mexer entre as folhas, mas incapaz de conter sua curiosidade, ela raspou o musgo com as próprias mãos, quebrando uma unha no processo.

Quando terminou, passou o dedo indicador pelas letras. Havia apenas um nome entalhado na pedra: THOMAS BENJAMIN. Nenhuma data.

Nenhuma indicação de quem pudesse ter sido a pessoa. Um irmão de Laurence, talvez, ou o filho de algum visitante. Seu marido, porém, nunca mencionara a morte de nenhuma criança. Se não perguntasse a Laurence, seria impossível saber por que Thomas Benjamin estava escondido naquele local inacessível, e não devidamente sepultado no cemitério da igreja. E o fato de Laurence nunca ter tocado no assunto a fez pensar que ele não ia gostar de sua descoberta.

Dois dias depois, ao ouvir o som do carro de Laurence se aproximando, apesar de uma leve pontada de ansiedade, uma sensação agradável tomou conta dela. O dia estava frio e enevoadado, e Gwen aproveitou para voltar a se ocupar da contabilidade doméstica. As contas não batiam. Ela não foi capaz de detectar exatamente o que havia de errado, mas pelo menos conseguiu mandar um recado ao *dhobi*, avisando que queria vê-lo no dia seguinte. Fora isso, não podia nem dar uma volta completa no jardim, e a vista do lago estava irritantemente escondida pela névoa.

Ela jogou um xale de crochê nos ombros para esconder os arranhões nos braços e saiu correndo pelo corredor, e depois porta afora.

Fran estava descendo pela porta de trás do Daimler, com um sorriso enorme no rosto. Gwen foi correndo em sua direção, lançou os braços em torno dela e a abraçou com toda a força. Em seguida, se inclinou para trás a fim de dar uma boa olhada na prima.

“Minha nossa, Fran, olha só você!”

Fran arrancou o chapéu cloche da cabeça, amarelo com uma flor de feltro, e balançou a cabeça, apontando para os cabelos. “O que você achou?”

Os cabelos castanhos e reluzentes de Fran estavam cacheados nas pontas, cortados em um chanel ainda mais curto que o anterior, com uma franja comprida. Sob a luz do sol, os fios mais claros reluziam como ouro. Ela marcara o contorno dos olhos com delineador preto, e estava usando um batom vermelho-vivo. Por baixo da franja, seus olhos azuis faiscavam.

Ela riu e deu mais uma voltinha.

O novo volteio revelou sua figura curvilínea, delineada por um vestido sem mangas de voal. Um barrado de renda na saia e um cintinho de

contas pretas logo acima do quadril completavam o visual. As luvas, que iam até os cotovelos, combinavam perfeitamente com o vestido e o chapéu amarelos.

“Está um pouco frio, não?”, ela comentou. “Pensei que fosse estar calor.”

“Tenho uma porção de roupas de frio que você pode usar. Vai esfriar ainda mais quando chegarem as chuvas das monções. Dizem que estão para vir a qualquer momento. Como foi em Colombo?”

“Um horror. Uma umidade terrível. E todo mundo parecia tão exaltado. Mas que viagem maravilhosa. Nunca vi nada parecido. Acho que subimos milhares de metros. E as vistas daquelas pontes de ferro!”

“As vistas são maravilhosas, mas me deixaram com dor de cabeça”, contou Gwen, virando-se para Laurence. “A que altitude estamos aqui, Laurence?”

“Olá, querida.” Seu sorriso de alegria e seu deleite em vê-la apagaram momentaneamente a má impressão de sua última vez na cama. Ele fez uma pausa e em seguida se curvou para ajudar outra mulher a desembarcar do assento do passageiro.

“E, respondendo à sua pergunta”, ele falou, endireitando-se, “são mais de mil e quinhentos metros.”

“É a irmã dele”, murmurou Fran, fazendo uma careta. “Já estava lá em Colombo, hospedada no Galle Face. Nós passamos para pegá-la. Mal dirigiu a palavra a mim durante toda a viagem para cá.”

A mulher alta de pé no chão de cascalho do outro lado do carro jogou a cabeça para trás e riu de alguma coisa que Laurence falou.

“Gwendolyn”, chamou Laurence enquanto caminhava na direção da esposa. “Conheça a minha querida irmã, Verity.”

Laurence e a irmã contornaram o carro, e Verity estendeu a mão. Como o irmão, tinha olhos castanhos escuros, e a mesma covinha no queixo. Seu rosto era comprido e magro, e Gwen não pôde deixar de notar que as feições características dos Hooper não caíam tão bem em uma mulher. Quando ela se inclinou para a frente e beijou seu rosto, Gwen sentiu um cheiro não muito agradável na pele da cunhada.

“Que arranhão é esse?”, perguntou Laurence, tocando o braço da esposa.

Ela sorriu. “Eu esbarrei em uma árvore. Você sabe como eu sou.”

“Minha cara Gwendolyn”, disse Verity. “Eu estava ansiosíssima para conhecê-la. Laurence me contou tudo.”

Gwen sorriu outra vez. Ela sabia que Laurence e a irmã eram

próximos, mas esperava sinceramente que ele não tivesse contado tudo.

“Eu lamento muito ter perdido seu casamento. É imperdoável, eu sei, mas estava nas profundezas da África.” Ela deu uma risadinha, fez um biquinho e então se voltou para Laurence. “Vou ficar no meu antigo quarto?”

Ele sorriu e a pegou pelo braço. “Onde mais poderia ser?”

Ela o beijou no rosto duas vezes. “Meu querido, queridíssimo irmão, eu estava com muita saudade de você.” Os dois saíram andando, de braços dados, e começaram a subir os degraus para entrar na casa.

“Ah, Gwendolyn”, Verity chamou, virando a cabeça para trás. “Mande um empregado levar minha mala. O baú só chega amanhã.”

“Claro”, respondeu Gwen, observando os dois até entrarem. Um baú. Quanto tempo a irmã de Laurence estava planejando ficar?

Fran estava olhando para ela. “Está tudo bem?”

“Tudo maravilhoso”, disse Gwen, com um sorriso. Bom, pelo menos ficaria, ela pensou. “Estou tão feliz que você finalmente esteja aqui.”

“Eu quero saber de tudo”, avisou Fran, cutucando Gwen com o cotovelo. “Tudo mesmo.”

As duas caíram na risada.

No dia seguinte, Gwen acordou bem cedo para conseguir falar com Laurence no café da manhã. Cheia de expectativa para enfim conversar com o marido, ela sorriu e abriu a porta da sala de jantar.

“Ah”, exclamou quando deparou com Verity comendo *kedgerree*, e o cheiro de peixe embrulhou seu estômago.

“Querida”, disse Verity, dando um tapinha no assento da cadeira ao lado. “Laurence acabou de sair, mas é melhor assim, podemos passar a manhã toda nos conhecendo.”

“Seria ótimo. Dormiu bem?”

“Não exatamente, mas nunca fui de dormir muito. Mas vejo que o mesmo não pode ser dito da sua prima Fran.”

Gwen deu uma risada, mas notou que as olheiras no rosto de Verity não pareciam tão acentuadas quanto no dia anterior. “Tem razão”, ela falou. “Fran gosta de se levantar tarde.”

“Acho que uma caminhada cairia bem esta manhã. O que me diz?”

“Preciso conversar com o *dhobi* às onze e meia. Ao que parece, algumas das melhores camisas de Laurence não voltaram com o restante da roupa limpa.”

“Ah, temos muito tempo até lá, querida. Diga que vem comigo. Vou ficar muito triste se não vier.”

Gwen deu uma boa olhada em Verity. Não era exatamente feia, mas não parecia nada calorosa; a linha de expressão permanente entre suas sobrancelhas devia contribuir para essa impressão. Verity provavelmente tinha ciência disso, porque de tempos em tempos erguia a sobrancelha para tentar tornar a pele mais lisa. Infelizmente, esse gesto deixava seus olhos arregalados, conferindo-lhe o aspecto de uma coruja. Mas, fora as olheiras, naquela manhã parecia mais corada, menos amarelada. O ar fresco dos morros devia lhe fazer bem.

“É claro”, disse Gwen. “Não quero ver você triste, mas preciso estar de volta para a conversa com o *dhobi* antes do almoço. E vou precisar trocar de sapatos.”

“Combinado. Agora venha se sentar. O *kedgeree* está divino. Ou talvez você prefira coalhada de búfala com melão. É o xarope doce tirado das árvores *kithul*.”

“Eu sei.”

“É verdade.”

Gwen deu uma olhada na coalhada de búfala. Parecia mais um creme talhado, com uma calda marrom jogada por cima. “Hoje não. Só uma torrada para mim está bom.”

“Ora, não é à toa que você é tão magrinha, se for só isso que come!”

Gwen sorriu, mas se sentia bem desconfortável na presença da cunhada, que agora estava tamborilando os dedos na mesa, como se estivesse com pressa. Uma caminhada com ela não era exatamente o que Gwen planejava para aquela manhã, sobretudo porque, depois do almoço, iriam todos a Nuwara Eliya, e sua mala ainda estava por fazer.

Quando foi pôr um sapato mais adequado para caminhar, encontrou Naveena arrumando seu quarto.

“Senhora caminhar com a irmã.”

“Isso mesmo.”

Por um momento, Naveena pareceu prestes a dizer algo, mas no fim se manteve em silêncio e se limitou a entregar os sapatos a Gwen.

Quando foram para o sol da manhã, Gwen ficou mais animada com a saída. O dia estava lindo e ainda fresco, embora a névoa já começasse a se dissipar. Era possível enxergar a quilômetros de distância, e havia apenas nuvens pequenas e branquinhas no céu. Nas árvores, os

pássaros cantavam sem parar, e um cheiro doce pairava no ar.

“Vamos descer e dar umas voltas ao redor do lago. Eu mostro o caminho. Pode ser assim?”, sugeriu Verity.

“Claro. Eu ainda não sei andar direito por aqui.”

Verity sorriu e ofereceu o braço a ela.

Gwen olhou para os morros cobertos pela plantação de chá, com seu verde intenso vibrando sob o sol. Intrigada com a maneira como as mulheres apanhavam as folhas, ela apontou para os caminhos ziguezagueantes que subiam em direção aos cumes.

“Eu bem que gostaria de passear por aqueles caminhos. Adoraria ver as catadoras de perto.”

Verity franziu a testa. “Colhedoras, querida, não catadoras. Mas não, hoje não. Você pode acabar caindo em um canal de irrigação. Tenho uma ideia melhor. Podemos nos afastar do lago um pouquinho e ir até meu bosque favorito. É um lugar absolutamente mágico. Laurence e eu brincávamos de esconde-esconde lá durante as férias de verão.”

“Vocês dois foram para o internato na Inglaterra?”

“Ah, sim, mas não na mesma época. Eu fui para o Malvern. Laurence é bem mais velho que eu. Mas você sabe disso, claro.”

Gwen assentiu com a cabeça, e elas continuaram andando pelo caminho ao redor do lago por mais ou menos meia hora. A água era calma no centro, e bem escura. Nas beiradas era mais clara, e ficava se chocando contra as pedras no local onde pássaros cinzentos com peito branco e barriga cor de canela abriam as asas e bicavam suas penas.

“Galinhas d’água”, comentou Verity. “É aqui que precisamos virar.” Ela apontou para uma trilha.

As árvores eram esparsas no início, mas, à medida que se aprofundaram no bosque, o ar se encheu com os odores e sons das criaturas que se movimentavam ao redor. Gwen parou para escutar.

“São só lagartos”, disse Verity. “E pássaros, claro, e talvez uma ou outra cobra de árvore. Nada digno de preocupação, garanto. É um lugar meio selvagem e fechado, mas se ficar sempre perto de mim você vai estar segura. Fila indiana agora. Você vem atrás.”

Gwen estendeu a mão para tocar os galhos de uma árvore grossa, mas as folhas espetavam, e ela recolheu os dedos rapidamente. Era um bosque de aparência mais selvagem do que aqueles que conhecera, mas não de uma forma ameaçadora. Ela gostou da atmosfera nostálgica do local. Os gravetos estalavam sob seus pés, e o ar parecia tingido de verde nos locais onde os raios do sol não alcançavam.

Verity sorriu. “Se tiver alguma coisa que queira saber, é só perguntar. Tenho certeza de que você vai se dar maravilhosamente bem aqui.”

“Obrigada”, respondeu Gwen. “Tem uma coisa. Fiquei em dúvida sobre as chaves da despensa. Existem duas cópias. Eu devo ficar com ambas?”

“Não, isso seria um peso terrível nas suas costas. Entregue uma cópia ao *appu*. Assim ele não precisa recorrer a você para tudo.” Ela apontou para algumas flores violáceas na beira do caminho. “Não são uma graça? Eu queria ter trazido um cesto.”

“Talvez da próxima vez.”

“Ponha uma nos seus cabelos”, disse Verity, e se abaixou para apanhar uma das flores. “Deixe que eu coloco para você.”

Ela posicionou a flor em uma das mechas soltas dos cabelos de Gwen e deu um passo para trás. “Pronto. Perfeito. Combina com seus olhos. Vamos em frente?”

Elas seguiram adiante, Verity falando o tempo todo e se mostrando uma companhia tão agradável que Gwen relaxou e perdeu a noção do tempo. O cheiro do lago não estava mais por perto, e de repente ela se lembrou da conversa que marcara com o *dhobi*.

“Ah, meu Deus. Eu me esqueci. Verity, precisamos voltar.” Ela começou a olhar ao redor.

“Claro, mas não pelo caminho por onde viemos. Demoraria um tempão. Tem um atalho logo ali. Laurence e eu usávamos sempre. Assim você chega mais rápido.” Verity apontou para o caminho e deu um passo na outra direção.

“Você não vem?”

“Acho que vou pelo caminho mais longo, se você não se importar. A manhã está muito bonita, e eu não estou com pressa. Está vendo aquela trilha? Siga por ela por cinquenta metros e vire à direita quando chegar a uma pequena encruzilhada. Tem uma figueira bem no meio do caminho. Não tem como errar.”

“Obrigada.”

Verity abriu um sorriso radiante. “Assim você vai direto para lá. É só seguir em frente. Nós nos vemos na casa.”

Gwen seguiu na direção apontada por Verity, e fez a curva no local onde uma figueira se erguia bem no meio do caminho. A manhã havia sido agradável, assim como a conclusão de que sua cunhada era muito mais simpática do que parecia. Ela estava contente. Seria ótimo se as duas se tornassem amigas.

Ela seguiu andando, esperando deparar a qualquer momento com a água reluzente do lago, mas depois de percorrer certa distância notou que a trilha se embrenhava cada vez mais na mata. Pedras enormes surgiam no caminho, e até o canto dos pássaros cessara. Gwen olhou ao redor, mas o senso de direção nunca fora seu forte.

Um pouco mais adiante, o caminho entrava em declive. Aquilo não estava certo. Ela olhou para trás e percebeu que já estava descendo fazia algum tempo, mas, para voltar à casa, precisaria estar subindo.

Ela se sentou em uma pedra coberta de limo, passou os dedos pelos cabelos, limpou o suor da testa e decidiu dar meia-volta e refazer seus passos. Não estava com medo, só irritada por ter se perdido, e, para complicar, quanto mais andava, menos reconhecia o caminho. Um galho baixo se enroscou em seus cabelos, e, quando ela o removeu, perdeu um dos grampos. Mais adiante, tropeçou e caiu com o traseiro no chão, rasgando seu vestido novo de voal.

Com as mãos arranhadas, ela tirou as folhas das roupas, mas, quando ficou de pé, sentiu a parte posterior das coxas arderem. Ela se virou para olhar e notou que a pele normalmente clara estava bem vermelha. Algo a havia mordido. Olhando ao redor, percebeu que havia caído sentada sobre um monte de formigas.

Pelo menos era um dia claro de sol. Ela voltou a andar e, depois de pegar o caminho errado várias vezes, enfim encontrou a figueira. No fim, voltaria pelo caminho mais longo, sem nenhuma opção àquela altura a não ser pegar a trilha que havia percorrido com Verity no sentido contrário. E chegaria atrasada, muito atrasada.

Quando se viu diante do lago, sentiu o coração se acelerar ao enxergar sua nova casa à distância. Começou a correr, sem se importar com o estado de seus cabelos e de suas roupas. Já mais perto da casa, viu Laurence andando de um lado para o outro na beira do lago, usando a mão para proteger as vistas do sol da tarde. Quando a viu, ele ficou imóvel, observando sua aproximação apressada.

Ela ficou felicíssima em reencontrá-lo, tanto que pensou que seu coração fosse explodir de alegria.

“Foi bom o passeio?”, ele perguntou, com uma expressão séria. Em seguida, com a boca contorcida para um dos lados e as sobrancelhas ligeiramente erguidas, abriu um sorriso.

“Não zombe de mim. Eu me perdi.”

“O que eu faço com você?”

“Eu não queria ter me perdido.” Ela coçou a parte de trás das pernas.

“E fui mordida também.”

“Pelo quê?”

Ela fez uma careta. “Eram só formigas.”

“Não existem ‘só formigas’ no Ceilão. Mas, falando sério, eu jamais me perdoaria se acontecesse alguma coisa com você. Prometa que vai ser mais cuidadosa.”

Ela assumiu uma expressão que lhe pareceu mais solene, mas não conseguiu mantê-la por muito tempo. Logo em seguida, abriu um sorriso, e os dois acabaram caindo na risada.

“Você está parecendo meu pai.”

“Às vezes eu me sinto como se fosse.” Ela o puxou para mais perto. “A não ser por essa parte.”

O beijo foi demorado e profundo.

Nesse momento, Verity apareceu. “Ah, aí está você”, ela falou, em um tom leve. “Desculpe interromper. Já cheguei há um tempão. Estávamos preocupadíssimos.”

“Mas eu peguei o caminho que você indicou. E fui mordida por formigas.”

“Você pegou a trilha da direita? Perto da figueira, lembra?”

Gwen franziu a testa.

“Tudo bem. Agora você já está aqui.” Laurence a abraçou e pegou o lenço do bolso para limpar a terra de seu rosto. “Acabou perdendo o almoço, claro, mas pode agradecer a Verity por ter falado com o *dhobi* em seu lugar.”

Verity confirmou com um gesto afirmativo e sorriu. “Não precisa agradecer. Vou dizer ao *appu* para preparar uns sanduíches para você, posso? E vou pegar também uma loção para passar nas picadas de formigas.”

“Obrigada.”

Quando Verity voltou para dentro da casa, Laurence segurou a mão de Gwen. “E depois, querida, precisamos nos preparar para ir ao baile.”

“Laurence”, ela falou, apertando a mão dele. “Eu queria conversar... sobre aquele dia.”

O rosto dele assumiu uma expressão séria. “Desculpe se fui muito bruto.”

Ela ficou olhando para o chão por um momento. Era uma conversa que precisava acontecer, mas não naquele momento, com a irmã dele por perto. Talvez depois do baile eles tivessem uma chance de ficar a sós.

“Vamos esquecer isso por enquanto, certo?”, ela sugeriu. “Mas o que

eu queria mesmo era explicar por que fui até as linhas de trabalho.”

Ele a interrompeu. “McGregor já me contou.”

“Você sabia que o homem estava ferido?”

“Você é muito gentil, Gwen, e muito atenciosa, mas trata-se de um velho conhecido de todos, está sempre criando problemas. O que estão dizendo é que se machucou de propósito.”

“Por que ele faria isso?”

“Para nos obrigar a pagar pelos dias em que vai ficar sem trabalhar.”

“Bom, se as pessoas se machucam, nós precisamos ajudar.”

“Não se o ferimento for autoinfligido.”

Ela ficou pensativa por um instante. “Não gostei muito da maneira como McGregor falou comigo.”

“É só o jeito dele. Não foi nada pessoal.”

Gwen suspirou e, lembrando-se dos olhos frios e dos lábios estreitos de McGregor, não conseguiu se convencer disso.

“Deixe as questões envolvendo os trabalhadores da fazenda nas mãos de McGregor. Ele não gosta de ter sua autoridade contestada, principalmente por uma mulher, acho. Ele é irredutível em seus modos antiquados.”

“Parece haver muita gente desse tipo por aqui.”

Ele encolheu os ombros. “Ainda existe muito a fazer, mas, com as diferentes facções em disputa no Ceilão, não podemos nos dar ao luxo de deixar de contar com a ajuda de ninguém por querer impor mudanças em um ritmo acelerado demais. Para fazer alguma diferença para o país, precisamos de um consenso.”

“E se não houver consenso?”

Ele pareceu bem sério ao responder: “Precisa haver, Gwen”.

Houve uma pausa.

“Você gosta de McGregor.”

“Acho que sim. Eu o deixei no comando de tudo durante a guerra, com apenas dois assistentes. Ele não podia lutar, sabe.”

“Ah, é?”

“Como você deve ter percebido, ele tem uma perna coxa. Mas conseguiu comandar uma força de trabalho de mais de mil pessoas de forma admirável, e tem minha total confiança.”

“Então eu vou aprender a gostar dele.”

“Sendo mais exato, são mais de mil e quinhentas pessoas, agora que eu assumi o controle de mais uma propriedade. Houve problemas sérios com alguns cules que vieram transferidos de lá. Existem muito mais

coisas acontecendo por aqui além da colheita das folhas.”

“Por que só as mulheres são catadoras?”

“Elas têm dedos mais ágeis. E nós as chamamos de colhedoras.”

“Verity me falou. E os homens?”

“Existem outros trabalhos que exigem força física. Cavar, plantar, fertilizar, limpar valas e, obviamente, podar. Temos muita gente envolvida na poda, e os filhos dos trabalhadores passam recolhendo os galhos cortados para usar em casa, no fogo. Só não se esqueça de uma coisa: você agiu motivada unicamente pela decência, mas o trabalho de McGregor é garantir sua segurança.”

Ela assentiu com a cabeça.

“Você deve ter percebido que os empregados domésticos se julgam um tanto superiores aos trabalhadores da fazenda. Nós não queremos que eles se aborreçam também. Por falar nisso, como vão as coisas? Alguém está causando problemas?”

Ela pensou em falar sobre as contas, mas decidiu que era melhor não. A casa era responsabilidade sua, e ela daria um jeito de descobrir o que havia de errado.

Quando ele a beijou na boca, ela sentiu o cheiro de sabonete e limão outra vez. “Agora vamos, minha linda esposa”, ele falou. “Que tal nos divertirmos um pouco?”

O Baile Anual do clube de golfe seria realizado no Grand Hotel em Nuwara Eliya. O casarão em estilo elisabetano era cercado de jardins impecáveis, com dois tipos de grama e cobertos de margaridas. Gwen estava ansiosa para o evento fazia dias. Ela teria a chance de usar seu novo vestido rosa e prateado, e com certeza dançaria o charleston junto com Fran.

A viagem até a cidade levava três horas, passando por estradas sinuosas nas montanhas, e Gwen ficou um pouco enjoada. Quando enfim chegaram e ela desceu do carro, o ar fresco com cheiro de menta logo a revigorou. A cidadezinha parecia um vilarejo em Gloucestershire, com uma torre com um relógio, um imponente memorial de guerra e uma igreja em estilo inglês.

Mais cedo, ao sair de casa, Gwen ficara surpresa ao ver que Verity havia se acomodado no assento do passageiro ao lado de Laurence. Não escondeu sua contrariedade, mas também não pediu que a cunhada saísse de lá.

Verity se virou para trás. “Você não se incomoda, não é, Gwen? Nós não nos vemos há um tempão.”

O orgulho de Gwen ficou um pouco ferido — afinal de contas, o banco da frente deveria ser ocupado por ela —, mas ela entendia que Laurence e Verity queriam conversar.

No hotel, Laurence já havia reservado os quartos com antecedência. Quando ele entrou no saguão, Gwen o acompanhou até a recepção.

“Você e Fran vão dividir um quarto”, ele avisou. “Vão se divertir muito juntas.”

Ela olhou para as pessoas circulando ao redor, e precisou engolir as palavras que sentiu vontade de dizer.

“Vai ser como nos velhos tempos”, ele falou, em um tom um pouco defensivo. Em seguida, virou-se para conversar com o atendente.

“Não é essa a questão”, ela sussurrou. “Pelo amor de Deus, Laurence...”

“Agora não, Gwen, por favor. Aqui está a chave.”

Ela o segurou pela manga. “Esse assunto ainda não está encerrado!”

Ele não respondeu. Ela mordeu a língua, segurando-se para conter a súbita explosão de sentimentos. Como não queria ser vista chorando no saguão do hotel, virou-se e começou a se afastar.

Ele estendeu a mão. “Desculpe, sei que precisamos conversar. Acho que não fui exatamente...”

Quando ele ia concluir, Verity se aproximou dos dois. Lançando um olhar amigável para Gwen, ela se abraçou ao irmão e apoiou a cabeça em seu ombro. Laurence tentou se desculpar com uma expressão silenciosa, mas, vermelha de raiva, Gwen virou as costas e foi atrás de Fran.

O quarto era grande e confortável, com um sofá, duas camas com mosquiteiros, dois criados-mudos e uma penteadeira combinando, onde três orquídeas clarinhas haviam sido lindamente arranjadas. Fran tirou o vestido e o xale de lã que Gwen lhe emprestara, e imediatamente se enfiou sob os lençóis limpíssimos de uma das camas. Ela estendeu a mão, e um bracelete brilhou em seu pulso. “Veja, é um templo budista. Comprei em uma daquelas feiras livres barulhentas das ruas de Colombo.”

Gwen examinou o novo pingente no bracelete de Fran.

“E então, está gostando da vida de casada?”, Fran perguntou, com as

sobrancelhas erguidas e um sorriso no rosto.

“Está boa.”

“Boa? Deveria ser muito mais que isso.”

Gwen se fez de desentendida e encolheu os ombros.

“Vamos, conte. Você sabe do que estou falando.”

A expressão de Gwen ganhou ares de desânimo, e ela baixou a cabeça.

Fran se sentou imediatamente. “Ai, Gwennie, o que foi?”

Houve um breve silêncio, enquanto Gwen se dividia entre a necessidade de falar e a obrigação de se manter leal a Laurence.

“Estou ficando assustada. Ele machucou você?” Fran estendeu uma das mãos.

Gwen sacudiu a cabeça e ergueu os olhos. “Não foi por querer.”

“Você está coberta de arranhões.”

“Os arranhões foram todos culpa minha.”

“Que bom. Laurence parece ser bonzinho, não faria uma coisa dessas.”

Gwen franziu a testa. “Ele é uma boa pessoa.”

“Então por que você está tão infeliz?” Ela fez uma pausa. “É por isso, não? Ele é bonzinho demais. Você não está se divertindo muito, não é?”

Gwen engoliu em seco e sentiu o pescoço ficar quente. “Nós estávamos. Mas aí...”

“Ah, isso não é nada bom. De que adianta ter um compromisso com um homem e não desfrutar da parte boa? Ele sabe como fazer?”

“Ele já foi casado. Claro que sabe.”

Fran sacudiu a cabeça. “Nem sempre é assim. Alguns homens não levam jeito para a coisa.”

“Na Inglaterra foi maravilhoso.” Gwen sentiu que seu rosto estava todo vermelho. “E em Colombo.”

“Então tem alguma coisa o incomodando.”

“Na verdade, acho que ele está *preocupado* com alguma coisa, mas não quer me contar.”

“Conversar não adianta. Vamos deixar você irresistível, para ele ficar morrendo de vontade. É assim que se conquista o coração de um homem!”

Gwen sorriu. Depois que Fran fora para Londres da última vez, e antes do casamento com Laurence, Gwen tentara falar sobre assuntos íntimos com a mãe. A conversa havia terminado em murmúrios gaguejados e sem sentido. Sua mãe provavelmente nunca ouvira falar em

orgasmos, e a ideia de seu pai bigodudo agradando sexualmente a esposa era suficiente para traumatizar ou provocar gargalhadas em qualquer um. Sua mãe não mencionou nem as “necessidades masculinas” que tantas risadinhas provocavam nos tempos de colégio interno.

Fran interrompeu seus pensamentos. “Esqueci de contar. Acho que posso ter conseguido um emprego para quando voltar para casa.”

“Você não precisa de emprego. Tem o aluguel de suas propriedades.”

“Pelo salário não preciso mesmo, mas estava ficando cansada de festas e champanhe. Você sempre se ocupou fazendo seus queijos fedorentos, por que eu não posso ter uma distração também?”

Essa lembrança evocou muita coisa. A saudade que ela sentia de seus pais e do casarão antigo em que viviam chegava até a doer. Depois que sua mãe transformara um velho celeiro em um galpão para fabricação de queijos, o cheiro forte e característico havia ficado impregnado no lugar. Gwen sacudiu a cabeça. Agora estava na terra da canela e do jasmim, e não adiantava querer viver no passado.

“Vamos nos arrumar agora?”, sugeriu Fran.

Depois que ambas tomaram banho, Gwen colocou uma faixa com bordado de pérolas na cabeça, e Fran a ajudou a pentear os cabelos de modo que os cachos escuros caíssem soltos por cima de sua nuca estreita. Os cabelos castanhos de Fran, em seu corte curto e chique, revoavam ao redor de sua cabeça, reluzentes sob a faixa vermelha com uma pena combinando.

Fran olhou para Gwen de cima a baixo.

“Estou bem?”

Fran abriu um sorriso. “Que comece a operação sedução!”

Às onze da noite, o baile estava a todo vapor. A orquestra havia parado para um intervalo, e Gwen olhou ao redor, para as pessoas que circulavam pelo salão. A maioria das mulheres usava vestidos antiquados em tons pastel, mal mostrando os tornozelos. Até as moças mais jovens se vestiam como as mães.

Laurence, todo elegante em seu smoking, não conseguia tirar os olhos de Gwen, e eles estavam dançando uma valsa lenta quando sua irmã o requisitou. Quando Gwen se afastou, ele abriu um sorriso malicioso. Sem conseguir encontrar Fran, ela se viu sem saber o que fazer. Estava encostada em uma coluna na entrada, ouvindo o turbilhão

de vozes e cumprimentando com acenos de cabeça alguns rostos vagamente familiares quando ouviu um homem lhe dizer:

“Sra. Hooper. Que prazer.”

Ela se virou e lá estava ele, elegantíssimo em seu terno escuro com um colete lindamente bordado com tons de vermelho e dourado. Os olhos dele se fixaram por tempo demais em seu rosto. Do dia em que se conheceram, ficara a recordação daqueles olhos cor de caramelo, que se tornaram calorosos quando ele sorriu, transformando a expressão de seu rosto. Gwen ficou um tanto sem jeito, e buscou uma palavra para descrever aquele homem. Exótico era uma em que já pensara antes, mas havia algo mais. Desconcertante, talvez? Ela tentou abrir um sorriso, mas não conseguiu. Em seguida, lembrando-se de manter as boas maneiras, estendeu a mão, e ele roçou de leve os lábios na luva de seda que ultrapassava a altura dos cotovelos.

“Sr. Ravasinghe. Como vai?”

“A senhora está linda hoje. Não está dançando?”

“Obrigada, e não, no momento não.” Dessa vez, lisonjeada com a atenção, ela conseguiu sorrir, mas imediatamente ficou envergonhada. “Laurence está na pista com a irmã.”

Ele balançou a cabeça. “Ah, sim. Verity Hooper.”

“O senhor a conhece?”

Ele inclinou a cabeça. “Nossos caminhos já se cruzaram.”

“Eu só a conheci recentemente. Ela parece muito apegada a Laurence.”

“Sim, eu me lembro disso.” Ele parou de falar e abriu um sorriso. “Poderia me ceder uma dança, sra. Hooper, quando a orquestra voltar?”

“Por favor, me chame de Gwen. Mas não sei se devo.” Ela olhou ao redor e viu Fran voltando ao salão pela entrada oposta, carregando algo debaixo do braço. Como sempre, ela parecia extremamente dramática com seu vestido vermelho de baile e seus sapatinhos da mesma cor.

“Ah, veja só. Vou apresentá-lo à minha prima e melhor amiga, Frances Myant.”

Quando Fran se aproximou, Gwen notou a atração imediata que se estabeleceu entre a prima e Savi Ravasinghe. Os dois ficaram se olhando por um bom tempo, e ele pareceu incapaz de falar. Fran esbanjava saúde e glamour, e Gwen percebeu que ela nunca estivera tão linda, pois acima de tudo era a paixão pela vida que a fazia se destacar. Sua confiança parecia fazer as pessoas se afastarem, como se tivessem medo de acabar ofuscadas. Ou isso, ou não aprovavam de forma alguma sua

conduta.

Por um instante, Gwen sentiu uma pontada de inveja. Ainda que, em duas ocasiões desde que se conheceram, Savi Ravasinghe tivesse expressado sua admiração por ela, em nenhum momento a olhara daquela maneira. Não havia motivo para Gwen ficar vermelha quando ele a encarava. Era tolice sua. Ele apenas tomara conta dela, como um irmão mais velho faria, protegendo-a sob sua asa. Mesmo o convite para dançar feito poucos instantes antes parecia só um ato de gentileza. Ela tossiu para atrair a atenção dos dois e apresentá-los devidamente.

“Veja o que eu trouxe”, disse Fran. Ela segurava dois discos gravados com microfones elétricos modernos.

“Vou pedir para aquele jovem tocá-los.” Ela apontou para o homem de terno encarregado do gramofone de corda. “Conhece o charleston, sr. Ravasinghe?”

Ele sacudiu a cabeça e lançou um olhar de desânimo.

Ela sorriu e o pegou pelo braço. “Ora, tudo bem, eu ensino vocês dois.”

Por cima do ombro de Fran, Gwen notou que Laurence fora abordado por Christina, a viúva americana. Era o tipo de mulher que atraía os olhares masculinos — seu vestido bem cortado de cetim preto, que se ajustava nos lugares mais estratégicos, era uma garantia disso. Gwen observou os cabelos ondulados de Laurence, e sentiu vontade de atravessar o salão para se colocar ao lado do marido. Inclusive fez um sinal com a mão, mas notou que Laurence não a viu, e que continuava a sorrir para Christina. Ela foi obrigada a se segurar para não sucumbir ao ciúme quando a mulher ergueu a mão e o tocou no rosto. Nesse momento, Laurence percebeu que a esposa estava olhando, fez um aceno para Christina e veio até ela.

“Gwendolyn. Aí está você.”

“O que você estava conversando com aquela mulher?” Ela percebeu que sua voz havia soado dolorosamente petulante.

Ele fez uma careta. “Era sobre um negócio.”

Ela estreitou os olhos e respirou fundo. “Laurence, eu vi muito bem que ela passou a mão no seu rosto.”

Ele riu.

“Não tem graça...”

Ele a abraçou pela cintura, puxando-a para mais perto, e sorriu. “Só tenho olhos para você. Mas enfim, ela é praticamente a dona de um banco.”

Laurence falou como se isso explicasse tudo. Em seguida, seu rosto assumiu uma expressão bem séria.

“Mais importante que isso é que vi você conversando com Ravasinghe. Veja, você pode se divertir, dançar o charleston com Fran, fazer o que quiser, mas prefiro não vê-la ao lado dele.”

Ela se desvencilhou do abraço. “Você não gosta dele?”

“Não é uma questão de gostar ou não gostar.”

“Então o quê? Não me diga que é porque ele é cingalês.”

“Espero de verdade que você não me julgue assim tão superficial.”

“Não julgo, não mesmo. Mas acho o sr. Ravasinghe um homem charmoso.”

Laurence lançou a ela um olhar perturbado. “Charmoso? É isso que você acha?”

“Sim.” Ela fez uma breve pausa. “Os seus conhecidos cingaleses costumam frequentar a casa?”

“De vez em quando.”

“E nós frequentamos a casa deles?”

“Sei que isso pode parecer estranho para você, mas não, nem as dos relativamente bem de vida como Ravasinghe.” Ele sacudiu a cabeça, e, quando voltou a falar, seu tom de voz mudou. “Ele está pintando um retrato de Christina, aliás.”

“Ele é pintor? Não sabia. Você parece incomodado.”

“Por que ficaria?”, ele rebateu. “Agora venha, quero apresentá-la a algumas pessoas.”

“Ah, não. Fran vai nos ensinar a dançar o charleston agora.” Irritada com ele, Gwen lhe deu as costas e se juntou à prima e a Savi junto ao gramofone.

Depois disso, Laurence não se aproximou mais. Enquanto fingia olhar em outra direção, Gwen o viu dançar com Christina mais de uma vez. Tentou não ser infantil a respeito, mas a visão dos dois juntos a deixava doente. Que audácia, a de Laurence, dizendo com quem ela poderia ou não poderia conversar, sendo que aquela mulher o abraçava e tocava seu rosto como se fosse sua dona. Depois disso, sentindo uma vontade incontrolável de se comportar mal, Gwen bebeu várias taças de champanhe de uma vez.

Durante mais ou menos uma hora, Fran, Savi Ravasinghe e Gwen dançaram o charleston, sob os olhares de recriminação disfarçada dos mais velhos, que sem dúvida torciam para a orquestra voltar logo a fim de retomar suas valsas e seus foxtotes. Um ou dois convidados mais jovens

se juntaram à dança, e por um momento até Verity, que riu e se divertiu tanto que Gwen sentiu estar se afeiçoando a ela de verdade.

Mais tarde, quando Fran desapareceu de vista e Verity não estava por perto, Gwen perdeu o ânimo, e seu desejo de desforra desapareceu. Ela pegou uma taça de champanhe com um garçom que passava por perto, saiu do salão de baile e foi até o saguão do hotel, onde se encostou na parede atrás da escadaria, sentindo-se zozza, perguntando-se o que fazer para tirar Laurence das garras da viúva americana.

Quando Savi Ravasinghe apareceu, seus olhos eram desolação pura.

“Espere aqui”, disse ele. “Vou procurar seu marido.”

“Estou me sentindo zozza. Por favor, não me deixe aqui.”

“Pois bem. Em que quarto está hospedada? Eu a ajudo a subir.”

Ela deu uma risadinha. “Acho que estou um pouco bêbada.”

Ele tomou a taça de sua mão e a deixou sobre uma mesa. “Não é nada que um copo d’água e uma noite de sono não possam curar. Vamos. Apoie-se em mim.”

Ele beijou sua mão enluvada e a segurou pelo braço. Sob o tecido de seda, ela sentiu a frieza da mão dele contra o calor de seu corpo. No fundo da mente, ela sabia que não era apropriado permitir que um desconhecido a levasse lá para cima, mas, depois da maneira como vira Laurence dançando com Christina, decidiu deixar de lado a prudência.

“Está com a chave?”

“Está na bolsa.” Ela parou para olhá-lo. “O senhor sempre aparece para me livrar de encrencas.”

Ele riu. “Bom, a senhora parece ter uma predisposição para se encrencar.”

“Por falar nisso, acho que estou passando mal.”

“Certo. Vamos subir agora mesmo, sra. Hooper.” Ele a apertou com um pouco mais de força, e ela sentiu seus joelhos fraquejarem. “Apoie-se no meu braço. Quando estiver instalada, vou procurar sua prima.”

Enquanto ele a ajudava a subir alguns degraus, ela ouviu o som de passos. Quando olhou para cima, viu Florence Shoebottom se aproximando, com seu nariz reluzente e seu queixo gordo. Como fala essa mulher, pensou Gwen, à espera de um comentário maldoso, mas, para sua surpresa, Florence passou sem dizer uma palavra.

“Droga! Aposto que ela vai contar a Laurence.”

“Contar o quê?”

Ela fez um gesto com a mão, sentindo-se extremamente zozza. “Ah, nada. Só que eu estava um pouco alta.”

O sr. Ravasinghe a conduziu até o quarto, e os dois entraram juntos. Quando ela sentiu os dedos dele roçarem seus tornozelos ao tirar os sapatos, ficou surpresa com tamanha proximidade. Gwen mordeu o lábio, com medo de demonstrar que havia sentido algo que não deveria. Ele a ajudou a se deitar sobre as cobertas. Quando ela fechou os olhos, ele acariciou sua testa de leve. Era um gesto reconfortante, e ela queria que ele continuasse, mas, com um pouco de vergonha, afastou-se discretamente.

“Eu amo Laurence”, Gwen murmurou, arrastando as palavras.

“Claro que sim. Está passando mal?”

“Um pouco. O quarto está rodando.”

“Então vou esperar que durma. Não quero deixá-la sozinha aqui correndo o risco de passar mal.”

Ele era um homem e tanto, ela pensou, com o estômago revirado. Em seguida acabou dizendo isso em voz alta, soluçou e levou a mão à boca. “Oops!”

Ele continuou a acariciar de leve seu rosto.

Parte dela sabia que era preciso mandá-lo sair, mas, em meio à solidão e à saudade de casa, aquele era o tipo de contato humano pelo qual ela ansiava, e todo e qualquer pensamento de prudência desaparecera com a última taça de champanhe. A imagem recorrente de Christina em seu vestido preto, flertando com Laurence, fez seus olhos arderem, e ela começou a resmungar consigo mesma.

“Posso ajudá-la a ficar mais confortável, se quiser.”

“Obrigada.”

Ele segurou o copo para que ela bebesse um pouco de água, e pôs outro travesseiro sob sua cabeça. Ela tirou a echarpe quando sentiu calor e então, em meio a um sono febril, seu corpo pareceu em chamas. Deitada na cama de braços abertos, ela sentiu a nuca doer. Em alguns momentos, ele parecia ainda estar lá, e em outros não. Gwen teve sonhos perturbadores no qual o sr. Ravasinghe a tocava, e ela retribuía o toque, mas então de repente ele se transformava em Laurence e tudo parecia certo. Ela podia fazer amor com o marido o quanto quisesse. Quando acordou de fato, notou que devia ter aberto os botões do vestido e tirado as meias durante o sono — lembrou-se que estava morrendo de calor —, e sua calcinha francesa nova de seda estava jogada no chão. Quando Fran apareceu, no meio da noite, mandou que Gwen entrasse debaixo das cobertas.

“Veja só seu estado, Gwen. Está seminua e toda amarrotada. O que

você andou fazendo?”

“Não lembro.”

“Está cheirando a bebida.”

“Eu bebi, Franny”, respondeu Gwen, ainda se sentindo grogue. “Bebi champanhe.”

Fran apagou a lamparina a gás do quarto e se deitou na mesma cama, aconchegando-se atrás dela como as duas costumavam fazer quando eram crianças.

No dia seguinte, no café da manhã, Fran não estava por perto, e Verity tinha ido fazer uma caminhada. Laurence parecia bem-disposto, e perguntou se ela havia se divertido. Gwen respondeu que sim, mas que havia exagerado no champanhe e ido para a cama mais cedo por causa da dor de cabeça.

“Eu procurei por você, mas não consegui encontrá-la. Verity me disse que você devia ter subido com Fran.”

“Verity também estava bem alterada. Por que você não foi me ver?”

“Eu não quis acordá-la.” Ele fez uma pausa e abriu um sorriso. “Acho que você e Fran deram ao nosso grupo de amigos um motivo e tanto para falatórios.”

Gwen sentiu o rosto queimar. Sua recordação da noite anterior estava um tanto enevoada, mas ela se lembrava de se sentir terrivelmente zozna, e de ter sido amparada até o quarto pelo sr. Ravasinghe.

Ela olhou para o marido e pensou no que poderia dizer. “Gostou de dançar com Christina?”, perguntou, com a intenção de soar brincalhona, mas notando que seu tom de voz era tenso.

Ele encolheu os ombros enquanto passava manteiga e geleia na torrada. “Ela é uma velha amiga.”

“E nada mais?”

Ele a encarou e abriu um sorriso. “Agora, nada mais.”

“E antes não era só isso?”

“Não, antes de você não era só isso.”

Gwen mordeu o lábio. Sabia que não estava sendo justa, mas se sentiu incomodada mesmo assim. “E agora acabou?”

“Com certeza.”

“Não foi o que pareceu.”

Ele franziu a testa. “Ela gosta de provocar. Não ligue.”

“Não é por causa dela, então?”

“O quê?”

Ela respirou fundo. “A maneira como você está se comportando.”

Foi só sua imaginação ou a expressão dele mudou enquanto sacudia a cabeça?

“Está tudo acabado para ela também?”

“O que é isso, Gwen? A Inquisição Espanhola? Eu já disse que acabou.”

“E o que você ia me falar ontem?”

Ele pareceu confuso.

“No saguão, quando chegamos.”

“Ah, aquilo... Sim... Sim, claro.”

Ela decidiu não insistir, e procurou outra coisa para falar. Foi quando se lembrou. Era a primeira oportunidade que aparecia para conversar sobre o pequeno túmulo que havia encontrado. Gwen deu um gole no chá, limpou a boca, mordeu um pedaço da torrada com geleia — uma encomenda especial da Fortnum & Mason, notou —, abriu um breve sorriso e então disse:

“Quem era Thomas, Laurence?”

O corpo de Laurence ficou tenso, e ele baixou os olhos.

Enquanto aguardava a resposta, ela ouviu os sons das pessoas tomando o café da manhã: os murmúrios matinais desconexos, os garçons de passos leves, o leve tilintar dos talheres contra a porcelana. O tempo foi passando, criando um silêncio desconfortável. Laurence ia dizer alguma coisa, afinal? Ela sentiu uma coceira na nuca, e se remexeu na cadeira. Em seguida passou manteiga em mais uma torrada, que ofereceu a ele.

“Laurence?”

Ele ergueu os olhos, levantou uma das mãos e acidentalmente derrubou a torrada. Quando a encarou, seu rosto parecia sem expressão. “Seria melhor se você não ficasse bisbilhotando por lá.”

O tom de voz dele foi impassível, mas ela notou a reprimenda e franziu a testa, um pouco por tristeza e um pouco por raiva. “Eu não estava bisbilhotando, como você disse. Estava procurando o lugar ideal para minha pérgula. E, enfim, Spew fugiu correndo para lá, e precisei ir atrás. Não sabia que ia topar com um túmulo.”

“Sua pérgula?” Ele respirou fundo e estremeceu.

“Sim.”

Houve outro momento de silêncio.

“Por favor, me diga. Quem era Thomas?”

Quando soltou o ar, Laurence parecia estar olhando por cima de seu ombro esquerdo, e não diretamente para ela. Gwen deu uma última mordida na torrada e o observou atentamente quando ele coçou o queixo.

“Achei tão triste ele ficar lá isolado. Por que não foi colocado na igreja? As pessoas não costumam enterrar gente no jardim, mesmo sendo só uma criança.” Ela deu mais um gole no chá.

“Thomas não era só uma criança. Era o filho de Caroline.”

Ela quase engasgou com o chá.

Laurence ficou em silêncio e limpou a boca. Em seguida, pôs o guardanapo na mesa e pigarreou como se fosse voltar a falar. Como isso não aconteceu, ela resolveu perguntar de uma vez.

“Só de Caroline?”

“Era o filho de Caroline... e meu também.” Ele se levantou e saiu da mesa.

Ela se recostou na cadeira. Tudo que sabia sobre Caroline era o que Laurence havia lhe contado quando se conheceram. Ele já fora casado antes, e sua esposa adoecera e morrera. Não houve menção alguma a um garotinho. Gwen lamentava muito por ele, mas por que não dizer nada, se era uma coisa tão importante? Por que permitir que o local do túmulo do próprio filho virasse um matagal?

Fran deixara um bilhete na recepção avisando que talvez ficasse mais tempo no Grand Hotel em Nuwara Eliya, e que poderiam voltar sem ela. Gwen ficou preocupada, porque quando pegaram a estrada, logo depois do café da manhã, nuvens pesadas pairavam acima de sua cabeça, tingindo o céu de amarelo. Se as chuvas chegassem, Fran corria o risco de não conseguir voltar. Laurence havia dito que no ano anterior algumas partes do caminho para Hatton ficaram intransitáveis, e que a única maneira de passar era de barco. Apesar de estar ansiosa para ver pela primeira vez as monções, Gwen ficaria mais tranquila se Fran estivesse em segurança ao seu lado.

Depois que chegaram, Gwen e Laurence se evitaram durante boa parte da tarde, e depois ele foi até a fábrica de chá. Dentro da casa, a atmosfera aparentava estar mudada. Havia uma umidade que antes não estava lá: um ar quente e espesso, tão pesado que parecia possível cortá-lo com uma tesoura, e com um aroma doce ao qual ela não estava habituada. O silêncio também parecia opressivo demais, e, por não poder falar com Fran sobre Thomas, Gwen estava se sentindo tremendamente infeliz.

Na hora do chá, quando foi até a cozinha verificar o suprimento de arroz, ela encontrou Nick McGregor sentado à mesa com seu cachimbo e uma xícara de chá fumegante. Apesar de ter sua própria casa, não muito distante dali, ele costumava passar pela sede da fazenda com frequência para descansar as pernas.

Quando ela mencionou a questão dos jardineiros, ele se mostrou surpreendentemente prestativo, concordando em deslocar trabalhadores para a horta, que se revezariam na função. Gwen ficou satisfeita com o resultado da conversa. Ao que parecia, havia cometido um erro ao

julgar McGregor. Talvez a dor que sentia por causa da perna coxa o deixasse irritadiço.

Em seguida, Gwen pensou em dar uma volta em torno do lago com Spew no fim da tarde. Não lhe pareceu uma boa ideia, por causa da chuva iminente, que deixaria os caminhos e os degraus em torno da casa tremendamente escorregadios. Em vez disso, posicionou uma das almofadas bordadas sob a cabeça, afundou-se no sofá e fechou os olhos.

O som da chegada de Laurence chamou sua atenção. Ela sempre reconhecia os ruídos que ele fazia. Não sabia ao certo por quê. Pela maneira confiante como andava, talvez, que dava a sensação de que o dono da casa estava de volta, ou talvez porque nesses momentos Tapper enfim se levantava do cesto onde ficava deitado.

Ela saiu e encontrou Laurence parado no corredor, olhando para as próprias mãos, com a camisa encharcada de sangue. Gwen prendeu a respiração.

“O que aconteceu?”

Ele a encarou por um instante, com a testa franzida, e em seguida virou a cabeça na direção de um dos três cestos de Tapper. Ela olhou ao redor e viu que o cão não aparecera no corredor.

“Onde está Tapper?”

O queixo de Laurence tremia, e ele parecia estar se esforçando para se controlar.

“Querido, me diga”, ela insistiu.

Ele tentou falar, mas suas palavras saíram de forma abrupta demais para que ela pudesse entendê-lo. Gwen pegou a sineta da mesinha do corredor e a tocou duas vezes. Enquanto esperavam, tentou reconfortá-lo, mas ele afastou suas mãos e continuou olhando para o chão.

Em questão de minutos, o mordomo chegou.

“Por favor, peça a Naveena para providenciar água e uma camiseta limpa para o patrão. Diga que ela pode levar direto para o quarto dele.”

“Sim, senhora.”

“Venha, Laurence”, ela chamou. “Vamos para o seu quarto. Você pode me contar o que aconteceu quando estiver se sentindo melhor.”

Gwen o segurou pelo cotovelo, e ele se deixou ser conduzido para seu quarto, no fim do longo corredor no andar de cima. Ela só entrara no quarto de Laurence duas vezes; nas duas ocasiões, fora interrompida — na primeira por um camareiro que foi fazer a limpeza, e na segunda por Naveena, que apareceu para guardar as camisas passadas de Laurence.

Ele abriu a porta. Um cheiro leve de incenso pairava no ar, e, com as

cortinas de veludo azul-escuro quase fechadas, apenas uma nesga da luz do dia aparecia.

“Está escuro”, ela comentou ao ligar os dois abajures elétricos.

Ele pareceu não notar.

Era um quarto suntuoso, não o refúgio masculino que a princípio ela esperava, e não parecia ter nada a ver com Laurence. Havia dois abajures de cúpulas azuladas, algumas fotografias emolduradas em uma escrivaninha e peças decorativas de porcelana no mantel. Um grande tapete persa escondia parte do piso de reluzente madeira, e a cama era coberta com um edredom de cetim da cor de chocolate amargo. O mosquiteiro ficava pendurado em uma argola pesada presa ao teto, amarrado em um nó acima da cama. A mobília, ao contrário do quarto dela, era escura.

Houve uma batida na porta, e Naveena entrou com uma toalha, uma tigela com água e uma camisa branca limpa para Laurence. Apesar de ter visto o sangue em sua camisa, ela não disse nada, apenas estendeu a mão e deu um tapinha em seu braço. Ele ergueu a cabeça, e eles se olharam. Gwen não compreendeu o que aquilo significava, mas os dois certamente se entendiam.

“Certo”, disse Gwen quando Naveena saiu do quarto. “Vamos tirar essa camisa.”

Ela afastou as cobertas, e Laurence se sentou na beirada da cama enquanto Gwen abria os botões de sua camisa. Em seguida, removeu a peça com gestos cautelosos, para o caso de haver algum ferimento. Ela limpou o sangue das mãos dele, e Laurence ficou de pé para tirar a calça. Quando o examinou, ela notou que não parecia ferido.

“Quer me contar o que aconteceu?”, perguntou.

Ele respirou fundo, sentou-se novamente na cama e bateu com os punhos cerrados no colchão. “Eles mataram Tapper. Meu Tapper. Os desgraçados cortaram a garganta dele.”

Gwen levou a mão ao pescoço. “Ah, Laurence. Eu sinto muito.”

Ela se sentou ao lado dele, que se apoiou em seu corpo. As mãos de Laurence se contraíam sem parar no próprio colo. Nenhum dos dois disse nada, mas os sentimentos reprimidos eram evidentes nas mãos dele, com movimentos tão eloquentes que ele parecia tentar usá-los para se comunicar. Depois de um tempo, Laurence ficou imóvel, e ela o abraçou, acariciando seus cabelos e murmurando. Em seguida, ele começou a soluçar, um choro sentido que parecia vir do fundo de seu ser.

Gwen só tinha visto o pai chorar uma vez, quando o irmão dele, o pai

de Fran, morreu afogado. Nessa ocasião, ela ficou sentada com a cabeça entre as mãos, assustada com o som de seu forte e corajoso pai soluçando como um menino. Mas pelo menos isso lhe ensinou que era preciso esperar que Laurence desabafasse toda sua tristeza, como seu pai havia feito.

Quando ele se acalmou, ela limpou seu rosto e o beijou várias vezes nas bochechas, sentindo o gosto salgado das lágrimas. Em seguida o beijou na testa e no nariz, como sua mãe costumava fazer quando ela se machucava.

Ela segurou o rosto de Laurence com as duas mãos e o encarou bem nos olhos. Imediatamente, percebeu que o choro não era só por causa de Tapper.

Ela o beijou nos lábios. “Venha para a cama.”

Os dois se despiram parcialmente e se deitaram lado a lado, ficando imóveis por um tempo. Ela sentiu o calor do corpo dele contra o seu, e notou que a respiração do marido se acalmara.

“Você quer me contar por que mataram Tapper?”

Ele se virou de lado para olhá-la. “Tivemos um problema nas linhas de trabalho.”

Gwen ergueu as sobrancelhas. “Laurence, por que você não me contou?”

“Não queria que você ficasse preocupada.”

“Eu gostaria de me envolver mais. Minha mãe e meu pai sempre conversaram sobre seus problemas, e eu quero que comigo também seja assim.”

“É um trabalho de homem, administrar uma fazenda. E você já tem muito o que fazer comandando a casa.” Ele fez uma pausa. “O problema é que talvez eu tenha permitido que McGregor punisse os culpados com rigidez demais.”

“O que você vai fazer?”

Ele franziu a testa. “Não sei, não sei mesmo. As coisas estão mudando, e estou conseguindo alguns progressos com outros plantadores, mas é uma luta. Tudo costumava ser tão simples.”

“Por que você não começa me contando como eram as coisas? Desde o começo. Me conte sobre Caroline e Thomas.”

Houve um silêncio por alguns instantes, e Gwen torceu para que não tivesse exagerado nas perguntas.

“Você teria adorado Caroline.”

Um pouco tensa, ela ficou à espera. Por fim, ele se deitou de barriga

para cima e, olhando para o teto, engoliu em seco. Quando voltou a falar, ela precisou se esforçar para ouvir.

“Eu a amava de verdade, Gwen.” Houve mais uma longa pausa. “Mas depois do bebê...”

“Foi quando ela ficou doente?”

Ele não falou, só soltou um suspiro trêmulo. Ela o enlaçou pelo peito e o beijou no rosto, sentindo a barba por fazer espetar seus lábios.

“Onde ela está enterrada?”

“Na igreja anglicana.”

Gwen franziu a testa. “Mas Thomas não?”

Ele fez outra pausa, e pareceu pesar as palavras antes de se virar outra vez para encará-la.

Ela o observou atentamente, e ficou tensa.

“Ela teria preferido que ele ficasse aqui, em casa. Me desculpe por não ter contado sobre ele. Eu sei que deveria. Mas o que aconteceu foi doloroso demais.”

Gwen o olhou nos olhos e sentiu um nó na garganta. Para alguém acostumado a esconder os próprios sentimentos, ele estava se mostrando abaladíssimo, de uma maneira como ela nunca havia visto antes. Era como se houvesse algo inacessível por trás daquela tristeza, algo muito maior que o luto, e parecia corroê-lo por dentro. Embora estivesse curiosa para saber que doença causara a morte de Caroline e do bebê, ela se sentiu incapaz de pressioná-lo.

Ela balançou a cabeça. “Eu entendo.”

Ele fechou os olhos.

Deitada ao lado dele daquela maneira, Gwen sentiu um desejo bem familiar, e tentou ignorar seus batimentos acelerados. Porém, como se tivesse sido acometido pela mesma sensação, ele pôs a mão bem em cima de seu seio, abriu os olhos e sorriu. Com uma expressão totalmente diferente no rosto, passou os polegares por seu pescoço e seus lábios e acariciou o contorno de sua boca, a princípio com leveza, mas depois com mais convicção. Quando entreabriu os lábios, ela sentiu o calor da língua dele. Laurence montou sobre ela no colchão, e Gwen notou que o sofrimento profundo de alguma forma despertara o desejo do marido. Antes mesmo que ela pudesse se dar conta de como acontecera, ele já estava erguendo sua saia, e ela o ajudava a tirar a roupa de baixo. Ela soltou um gemido ao erguer o próprio corpo, arqueando as costas para tirar a combinação. E então, de novo deitada, esfregou os quadris contra o dele, e os dois fizeram amor. Ela havia se sentido perdida sem ele, mas

Laurence estava voltando a ser como era, e a alegria de Gwen com isso era incontrolável.

Quando terminaram, ouviu-se o som de uma trovoadas, alto como o disparo de uma arma, e uma chuva fortíssima; o céu estava liberando o que até então segurara, despejando todo seu conteúdo sobre a terra mais abaixo. Gwen ficou deitada escutando, aconchegada junto a ele. De repente começou a rir, e sentiu o corpo dele tremer quando a acompanhou na gargalhada, um riso de felicidade e liberdade, e foi como se tudo o que ele vinha mantendo dentro de si tivesse cedido.

“Me desculpe, Gwen, sobre a outra vez. Não sei o que me deu, sinceramente.”

“Shh.”

Ele a virou e levou um dedo aos seus lábios. “Não, eu preciso dizer isso. Por favor, me perdoe. Não sei onde estava com a cabeça. Eu estava tão...”

Ela o viu hesitar, e notou uma expressão conflituosa no rosto dele. Ao perceber que estava indeciso sobre continuar falando, tentou dizer algo para incentivá-lo.

“Não foi por causa de Caroline?”

“Não exatamente.”

“Então?”

Ele soltou um suspiro profundo. “Estar aqui na fazenda com você... Isso trouxe tudo de volta.”

A chuva aplacou o calor em vários graus, e Gwen, revigorada, se remexeu na cama, sentindo-se como se a força da tempestade tropical tivesse se enraizado dentro dela e estivesse se espalhando por seu sangue.

“Eu queria poder ficar aqui para sempre, mas deve estar na hora de descermos”, ela falou.

Depois que eles se vestiram, antes de apagar as luzes, Gwen olhou para as fotografias que vira antes na escrivaninha. Uma delas, de uma mulher sentada em um tapete xadrez no jardim, com a cabeça de Tapper apoiada no colo, chamou sua atenção. Era loira, e estava sorrindo. Laurence não percebeu que Gwen estava olhando.

“Obrigado”, disse ele, e segurou sua mão enquanto atravessavam o corredor.

“Não precisa me agradecer.”

“Mas eu sou grato. Você nem imagina quanto.” Ele a beijou outra vez, e, enquanto desciam para o jantar, em meio à algazarra dos corvos,

Gwen olhou pela janela do patamar da escada. Já era noite, mas ainda era possível sentir a névoa branca cobrindo tudo.

Na sala de estar, Gwen ficou contente ao encontrar Fran entretida em uma conversa com Verity. Ambas se viraram para olhar quando ela e Laurence entraram de mãos dadas.

“Ora, vocês dois estão radiantes”, comentou Fran.

Laurence sorriu e piscou para ela. Gwen notou que, embora Verity tivesse aberto um sorrisinho, não pareceu ser dos mais sinceros.

“Você mudou de ideia. Como fez para voltar?”, perguntou Gwen, virando-se para Fran.

Embora Fran projetasse uma imagem de confiança para o resto do mundo, Gwen sabia que não era bem assim, que na verdade sua prima ainda lutava para superar a morte dos pais. Ela se deu conta de que isso era algo que Fran e Verity tinham em comum, e se perguntou se seria suficiente para aproximá-las.

“Depois de curar a ressaca, peguei o trem até Hatton”, Fran contou. “Que jornada! Mas Savi foi muito gentil. Ele me emprestou o valor da passagem e providenciou uma carona até a estação em Nanu Oya. Eu tinha deixado todo meu dinheiro aqui na casa.”

Laurence comprimiu os lábios. “Ora, então você precisa mandar devolver o que deve para o sr. Ravasinghe imediatamente.”

“Não precisa. Vou encontrá-lo em Nuwara Eliya na semana que vem, se o tempo permitir. Este país é maravilhoso, não? Ele prometeu me mostrar outros lugares. Gwen, você também está convidada. E nós vamos almoçar com Christina. Ele vai pintar um retrato dela. Não é incrível?”

Laurence se virou de costas, e Gwen percebeu que os ombros dele estavam tensos.

“Espero que eu esteja convidada também”, disse Verity, com uma risadinha.

Fran olhou para trás e encolheu os ombros. “Eles não mencionaram o seu nome, infelizmente. Então não, acho que vamos ser só Gwen e eu.”

Gwen sentiu pena da cunhada ao vê-la se virar e sair. Ela parecia não ter ninguém no mundo além do irmão, e Gwen desconfiava que alguma coisa a perturbava. Aquela jovem nunca parecia à vontade, e não fazia muito esforço para mostrar o que tinha de melhor. Seus cabelos curtos não combinavam com o rosto anguloso, e, a não ser por um vestido cor de ferrugem, ela nunca usava as cores certas. Deveria usar tons que complementassem seus olhos castanhos, e não exagerar nas cores

berrantes e ácidas como fazia.

Gwen preferia os tons de violeta, e não só porque combinavam com seus olhos, mas porque adorava vestir todas as cores inglesas do verão. Cores de ervilhas-de-cheiro, segundo Fran. Seu vestido naquela noite era de um verde clarinho, e, apesar de ela não ter podido se trocar, ainda estava limpo e alinhado. Um exemplo de homem prático, Laurence não se importava com o que vestia, e gostava de circular pela propriedade de bermudas e com uma velha camisa de manga curta bege, com um chapéu gasto na cabeça. Naquela noite, parecendo contente e confiante, sem nenhum traço de perturbação no olhar, ele usava algo mais próximo de um traje social.

Depois do jantar, Laurence foi acender a lareira, e Verity se sentou ao piano. Sobre o instrumento havia uma dezena ou mais de fotos emolduradas em porta-retratos prateados, onde Laurence aparecia a céu aberto, em meio a diversos cães e homens em trajes de caça com espingardas na mão.

Enquanto tocava, Verity cantava com uma voz bem afinada, e parecia recuperada da alfinetada de Fran. Enquanto lia a letra das músicas por cima do ombro de Verity, Gwen notou pela primeira vez que a cunhada roía as unhas.

A diversão da noite ficou por conta de Fran, quando eles começaram a brincar de charadas, e Gwen ficou com a barriga doendo de tanto rir.

Entender melhor Fran era uma preocupação constante na família de Gwen desde sua infância. Desde que se entendia por gente, Fran gostava de atuar, fosse criando um teatrinho de bonecos para contar uma história ou subindo em um palco improvisado de caixotes de laranja para cantar uma opereta, fazendo gestos exagerados com os braços. Suas roupas geralmente acompanhavam seu gosto para o drama: vestidos vermelhos, casacos com lantejoulas e conjuntinhos de um amarelo berrante.

Sua família já parecia habituada a isso, e, embora Laurence parecesse bem receptivo a ela, Verity não parecia entendê-la muito bem. Gwen sabia que Fran na verdade era uma mulher inteligente e sensível, e que seu comportamento era só uma forma de defesa contra um mundo injusto. Observando as sobrancelhas erguidas de Verity, Gwen temeu que a cunhada considerasse Fran uma desavergonhada, sobretudo quando, com um sorrisinho, interrompeu a brincadeira para falar com o irmão.

“Laurence, que tal um passeio em torno do lago amanhã? Podemos usar os cavalos da propriedade. Com certeza Nick não vai se incomodar.”

Laurence apontou para a chuva.

“Bom, nós podemos nadar, só nós dois, como fazíamos quando éramos crianças, lembra? Acho que Gwen não vai querer ir.”

Gwen ouviu a última parte da frase. “Ir aonde?”

“Ah, eu estava pensando em cavalgar ou talvez nadar um pouco.” Ela sorriu. “Pensei que você não fosse querer... Mas é claro que você deveria ir também.”

“Nós nunca nadamos durante as monções”, murmurou Laurence.

Verity se segurou no braço dele. “Nadamos, sim. Tenho certeza.”

O relacionamento de Laurence com a irmã era complexo. Gwen sabia que, depois que os pais deles haviam morrido, Laurence se tornara responsável por lhe dar uma mesada e lhe garantir proteção em todos os sentidos. Gwen achava que Verity, aos vinte e seis anos, já deveria estar casada, e não encostada no irmão. Mas, pelo que Laurence havia dito, quando um casamento foi enfim anunciado, Verity acabou desistindo no último momento.

Para Gwen, era impossível não pensar em como Caroline se dava com ela. Sua cunhada parecia amigável na maior parte do tempo, mas nem sempre. Ela foi até a janela e olhou para fora. A chuva caía em jorros prateados, iluminados pelas luzes da casa. Haveria poças espalhadas pelo gramado de manhã, ela pensou ao se virar de novo para a sala. Laurence deu uma piscadinha para a esposa. Gwen não resistiu e se aproximou, sentando-se no outro braço da poltrona. Ele se desvencilhou de Verity e pôs a mão sobre seu joelho, fazendo um carinho de leve, mas, tão logo percebeu que não havia ninguém olhando, escorregou-a por baixo de sua saia. Isso a deixou um tanto aérea, e ela sentiu vontade de ficar a sós com ele. Embora a morte de Tapper tivesse sido terrível, foi por causa disso que tudo havia mudado. Laurence se abriu e voltou a ser quem era, e Gwen estava determinada a fazer qualquer coisa para que continuasse assim.

De manhã, quando acordava e via a luz pálida e amarelada do dia, Gwen sentia que sua vida não poderia ser melhor. Uma semana se passara, e em todas aquelas noites Laurence dormiu com ela. Ele parecia libertado de algum peso, e se mostrou o mesmo amante apaixonado que era antes de sua chegada à fazenda. Eles faziam amor à noite e ao amanhecer também. O som da respiração dele enquanto dormia era reconfortante, e, quando acordava primeiro, ela ficava deitada escutando, admirada com a própria sorte.

Ela ouviu o som distante de um galo cantando, e as pálpebras de Laurence se agitaram.

“Olá, querida”, ele falou, abrindo os olhos e estendendo a mão para ela.

Ela se aconchegou junto ao marido, desfrutando do carinho.

“Vamos mandar trazer a comida para cá e passar o dia na cama?”, ele sugeriu.

“Sério? Você não vai trabalhar?”

“Não. Hoje vai ser um dia dedicado a você. Então, o que vai querer fazer?”

“Sabe o que eu queria, Laurence?”

Ele sorriu. “Me conte.”

Ela sussurrou no ouvido dele.

Ele riu e fez uma careta. “Ora, por essa eu não esperava! Já se cansou de mim?”

Ela o beijou com força na boca. “Nunca!”

“Bom, se estiver falando sério mesmo, não vejo por que você não pode saber como é feito o chá.”

“Eu sabia tudo sobre a fabricação de queijo lá em Owl Tree.”

“Sim, claro, eu experimentei... Então você quer mesmo se levantar?”

Ela acariciou os cabelos dele, e os dois permaneceram deitados.

Ele começou a beijar sua orelha. Todos os dias, Laurence parecia descobrir uma nova parte de seu corpo, proporcionando sensações que ela jamais imaginou serem possíveis. Naquele dia, depois da orelha, ele passou por seus seios, pelo contorno de sua cintura e por entre suas pernas, onde ela sentiu que o desejava. No entanto, ele passou direto quando ela arqueou as costas, e se concentrou em um ponto sensível na parte posterior de seus joelhos. Quando terminou de beijá-la, ele examinou as cicatrizes na parte frontal das articulações.

“Meu Deus, menina, como foi que você fez isso?”

“Foi lá em Owl Tree. Quando eu era criança, subia na árvore da coruja à procura de fantasmas, mas sempre acabava caindo antes de encontrar um.”

Ele sacudiu a cabeça. “Você é impossível.”

Quem poderia imaginar que a vida poderia ser tão divina, foi o que ela pensou enquanto faziam amor. E, sentindo o calor da pele dele contra a sua, os questionamentos sobre o chá desapareceram totalmente de sua mente.

Duas horas depois, com a chuva dando uma trégua, mas uma névoa pesada ainda pairando no ar, Laurence a conduziu morro acima por uma trilha que ela nunca tinha visto antes. Quando viram o lago, Gwen notou que a água ainda estava marrom, por causa da lama arrastada pelos temporais. A mata estava estranhamente silenciosa, com as gotas d'água que pingavam das árvores lhe conferindo um caráter fantasmagórico. Por um instante, Gwen acreditou na existência dos demônios que, segundo Naveena, ainda se escondiam por lá. Durante todo o caminho, o cheiro da grama e das orquídeas selvagens parecia intensificado pela chuva. Spew, que se mostrava cada vez mais apegado a Gwen, ia correndo na frente, farejando e investigando.

“Que flores são essas?”, ela perguntou, olhando para uma planta alta.

“Trombetas dos anjos, é como as chamamos”, ele contou, e então apontou para uma construção retangular com fileiras e fileiras de janelas fechadas no alto do morro atrás da casa. “Veja, ali está a fábrica.”

Ela segurou o braço dele. “Antes de entrarmos, queria saber se você descobriu quem fez aquilo com Tapper.”

Uma expressão de tristeza surgiu no rosto de Laurence. “É difícil

conseguir provas. Eles são muito unidos, sabe. E o fato de ser uma questão que nos põe contra eles também não ajuda muito.”

“Mas por que mataram Tapper?”

“Para vingar uma antiga injustiça.”

Ela suspirou. As coisas por lá eram muito complicadas. Ela fora educada para ser gentil com as pessoas e os animais. Quando as pessoas eram bem tratadas, geralmente respondiam com o mesmo tratamento.

Quando enfim chegaram às instalações, ela estava ofegante, observando os homens de pele escura debruçados sobre o terraço, lavando as janelas. Laurence abriu a porta e, em meio aos sons de cânticos religiosos hindus que ressoavam à distância, ordenou que Spew esperasse do lado de fora.

Ele convidou Gwen a entrar. Ela ouviu o ruído das máquinas em operação no andar de cima, e um cheiro parecido com o de remédio.

Ele notou que ela prestava atenção aos barulhos. “Temos bastante maquinário envolvido aqui. Era tudo movido a lenha, e em muitas propriedades ainda é, mas eu decidi investir em máquinas novas movidas a óleo. Fui um dos primeiros, na verdade, apesar de ainda termos nossa fornalha a lenha para a secagem. Usamos uma madeira chamada goma azul. É uma espécie de eucalipto.”

Gwen assentiu com a cabeça. “Dá para sentir o cheiro.”

“O prédio tem quatro andares”, ele falou. “Quer se sentar um pouco para recuperar o fôlego?”

“Não.” Ela olhou ao redor do espaçoso pavimento térreo. “Não pensei que fosse tão grande.”

“O chá precisa ser arejado.”

“Então, o que acontece aqui?”

Os olhos dele se iluminaram. “Quer mesmo saber?”

“Claro.”

“É um processo complicado, mas aqui é onde chegam os cestos com o chá verde para pesagem. Mas existem outras estações de pesagem também. As mulheres são pagas por peso, sabe. Precisamos ficar de olho para ver se elas não incluem nada que possa tornar a carga mais volumosa. Só queremos a parte da ponta dos arbustos. Duas folhas e um broto, é o que dizemos.”

Ela notou que ele foi gentil e amigável com um homem que se aproximou e disse algo no idioma tâmil. Depois de responder, também em tâmil, Laurence a abraçou pelos ombros.

“Gwen, deixe-me apresentá-la ao gerente, meu fabricante de chá. Darish é o encarregado de todo o processo de manufatura.”

O homem fez um aceno de cabeça um tanto inseguro e uma mesura antes de se afastar outra vez.

“Ele só tinha visto uma mulher branca entrar aqui antes.”

“Caroline?”

“Não, na verdade foi Christina. Vamos lá em cima para eu mostrar as mesas de secagem natural. Quando temos muitas folhas, Darish e o supervisor de secagem trabalham até duas da manhã, mas agora, por causa do tempo, está mais tranquilo.”

Para Gwen não parecia nada tranquilo, e sim um turbilhão de atividade e ruídos de fundo. Ela estava se sentindo um tanto desconfortável, mas sem saber se era por causa da menção a Christina ou do cheiro intoxicante das folhas, pungente, um tanto amargo e estranhíssimo. Gwen disse a si mesma para parar de ser tola. Laurence garantira que estava tudo acabado.

Eles passaram por pilhas de cestos e todo tipo de parafernália — ferramentas, cordas e afins — enquanto se dirigiam ao andar superior.

“É aqui em cima que nós deixamos as folhas secarem naturalmente”, ele contou quando chegaram ao alto das escadas. “O nome da folha de chá é *Camellia sinensis*.”

Gwen olhou para as quatro longas mesas nas quais as folhas estavam estendidas. “Quanto tempo elas demoram para secar?”

Ele a enlaçou pela cintura, e ela se apoiou no corpo dele, apreciando a sensação de ser trazida para o mundo do marido.

“Depende do clima. Quando está nublado, como agora, demora mais. As folhas precisam de ar quente para secar, sabe. A temperatura precisa ser a ideal. Às vezes precisamos acender a fogueira para aquecer o ambiente e secar as folhas. É isso que você está ouvindo. Mas, quando está calor, com as janelas abertas, o vento que vem de fora já basta.”

“E o que tem no andar de baixo?”

“Quando as folhas secam, passam pelos rolos para serem quebradas. Você quer ver?”

Ela viu as folhas secas serem posicionadas em rampas e descidas até uma máquina no piso inferior. Quando Darish se juntou a eles de novo, Laurence arregaçou as mangas e andou um pouco ao redor das máquinas para verificar seu funcionamento, parecendo tão à vontade em seu ambiente que ela foi incapaz de conter um sorriso.

Ele disse alguma coisa em tâmil para Darish. O funcionário balançou